

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
Jeane Cristina Oliveira De Brito Gomes

**Alguns Princípios e propostas para o Educador do século XXI à luz
da obra de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin**

Americana
2013

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO

Jeane Cristina Oliveira de Brito Gomes

**Alguns Princípios e propostas para o Educador do século XXI à luz
da obra de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL - sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Sueli Maria Pessagno Caro.

Americana

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Gomes, Jeane Cristina Oliveira de Brito.

G614a Alguns princípios e propostas para o educador do século XXI à luz da obra de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin / Jeane Cristina Oliveira de Brito Gomes. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2013.

107 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - UNISAL / SP.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sueli Maria Pessagno Caro.

Inclui Bibliografia

1. Professores – Formação. 2. Educação – Estudo e ensino. 3. Competências. 4. Educação sociocomunitária. I. Título.

CDD – 370.71

Catálogo elaborada por Lissandra Pinhatelli de Britto – CRB-8/7539
Bibliotecária UNISAL – Campus Maria Auxiliadora.

Jeaane Cristina Oliveira de Brito Gomes

Alguns Princípios e propostas para o Educador do século XXI à luz da obra de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação no Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em ___/___/2013 pela comissão julgadora

Profª Drª: Regiane Aparecida Rossi Hilkner

Instituição: Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Assinatura: _____

Prof. Dr.: Luis Antonio Groppo

Instituição: Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Assinatura: _____

Profª.Drª.: Sueli Maria Pessagno Caro (Orientadora)

Instituição: Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL

Assinatura: _____

Americana

AGRADECIMENTOS

A Deus dedico o meu agradecimento maior, porque tem sido tudo em minha vida.

Aos meus pais Pedro e Lourdes Brito por todo o incentivo.

Um agradecimento especial ao meu querido esposo Levi Gomes que permaneceu sempre ao meu lado, nos bons e maus momentos.

Aos meus queridos filhos, Jennifer Caroline e Josué Gabriel que além de serem o maior e melhor presente em minha vida, tiveram paciência e compreensão cedendo parte do tempo com eles para a concretização deste sonho.

A família Tavares, que sempre me apoiou nesta conquista.

A Profa. Dra. Sueli Maria Pessagno Caro que com paciência, profissionalismo e muita competência me orientou, apoiou e conduziu nessa jornada.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a imensa felicidade que estou sentindo nesse momento.

A todos os professores que me inspiraram e acreditaram em meu trabalho.

A todos vocês, muito obrigada.

RESUMO

Neste estudo, apresentam-se abordagens sobre as competências necessárias ao educador do século XXI quanto aos saberes e competências exigidos, à prática docente e aos aspectos da educação reflexiva do professor. Foi feita uma análise na literatura de Ellen White, em comparação a Paulo Freire e Edgard Morin, permitindo assim desvelar a necessidade urgente de compreendermos que perfil de educador deve emergir em nosso cenário atual. Também refletir sobre os pensamentos do educador nos escritos de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin, numa tentativa de sistematizar as ideias referentes à educação destes autores e o que eles pensam sobre o que um educador deve ter como prática de seu fazer pedagógico envolvendo-se em uma educação sociocomunitária, pois os problemas educacionais são uma manifestação da vida social.

Palavras-chave: Educador; Competências; Ellen White; Educação sociocomunitária.

ABSTRACT

In this study, we present approaches to skills needed by the educator of the twenty-first century as the knowledge and skills required, the teaching practice and aspects of reflective teacher education. An analysis in the literature of Ellen White, compared to Paulo Freire and Edgard Morin, thus revealing the urgent need to understand that profile educator should emerge in our current scenario. Also reflect on the thoughts of the educator in the writings of Ellen White, Paulo Freire and Edgar Morin, in an attempt to systematize the ideas of these authors concerning education and what they think about what an educator should have as their pedagogical practice. Engaging in a socio-communitarian education because educational problems are a manifestation of social life.

Keywords: Educator; Skills; Ellen White; Socio-communitarian education.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo I	
1.1. Alguns princípios para o Educador	13
1.2. Ellen White, Paulo Freire, Edgard Morin: aspectos da vida e obra	22
1.3. Princípios para o Educador segundo Ellen White.....	25
1.4. Princípios para o Educador segundo Paulo Freire e Edgard Morin.	31
1.5. Primeiras considerações.....	44
Capítulo II	
2.1. Algumas propostas para o Educador	48
2.1.1. O Educador como exemplo.....	48
2.2. Relação professor aluno.....	55
2.3. Autoridade e Disciplina.....	69
Capítulo III	
3.1. O Educador e a educação sociocomunitária	85
Considerações Finais.....	98
Referências Bibliográficas.....	101

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta-se estritamente vinculado à necessidade de compreender a influência marcante do educador no processo educacional e o perfil necessário para um bom desempenho do exercício da docência.

De acordo com Oliveira e, como sabemos, este processo sofre interferência de vários fatores:

No que se refere ao processo do ensino-aprendizagem, várias dificuldades podem surgir, impedindo a realização de um ensino por parte do aluno. Isso ocorre devido a vários fatores relacionados, por exemplo, os fatores sociais e familiares. Na maioria dos estudos que tratam deste tema, o professor apresenta-se como um dos principais fatores de interferência no processo (2002, p. 45).

Este tem sido um tema em constante reflexão nos últimos anos. Em seu livro “A Educação na Cidade”, Paulo Freire (1991) nos diz:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (p. 58).

Nessa trajetória, surgem questionamentos e o desejo de refletir sobre as competências do educador. Dentro desta reflexão, ser um educador em um mundo tão potencializado pela globalização das modernas tecnologias da comunicação e da informação como o atual não deixa de ser algo desafiador. A sociedade está passando por inúmeras transformações e por isso é preciso pensar acerca das exigências profissionais do educador.

Delors (1999) afirma que:

Há uma exigência de uma competência que se apresenta como uma espécie de coquetel individual, combinando a qualificação, em sentido estrito, adquirida pela formação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco (pp.94,152).

Dentro desse universo, pretende-se realizar um estudo por meio de uma análise dos escritos educacionais de Ellen White, abordando exclusivamente suas orientações para os professores, pois foi importante educadora e fundadora da

Educação Adventista do Sétimo Dia e seu pensamento continua a ser o fundamento pedagógico desta educação.

Apesar de tanto tempo ter decorrido depois de seus escritos (por volta de 150 anos), continua sendo a base de ação pedagógica de uma das maiores instituições educacionais mundiais.

White evidencia em suas obras, um conceito que influenciou e continua influenciando toda uma geração.

Segundo Suarez (2012, pp. 23, 38), ela está fundamentada numa prática holística, desenvolvimento da mente, do corpo e do espírito e visa a restauração da imagem de Deus no ser humano, a qual inclui os seguintes elementos: liberdade de escolha, dignidade, individualidade e o caráter de amor expresso em serviço desinteressado a Deus e aos seres humanos.

Suarez (2012, p. 20) ainda argumenta que se houvesse uma palavra que pudesse definir Ellen G. White, essa palavra seria equilíbrio. Suas orientações e ensinamentos sempre aconselharam a buscar o bom senso, o equilíbrio, o poder de reflexão que Deus dotou ao ser humano. Ela se preocupava com a formação do indivíduo de maneira geral e orientava que essa deveria também ser uma preocupação da igreja.

Ellen White via a educação como um braço da igreja, ou seja, ela deveria preocupar-se e empenhar-se para prover às pessoas oportunidades para educar-se. A visão do homem para ela deveria ser tratada de uma maneira holística, integral, devendo ser prioridade, principalmente em relação às crianças e jovens, preparando-os para serem cidadãos capazes e bem preparados para o mundo. Para Knight (2010, p.26) *“White, dedicou mais da metade do conteúdo de seus escritos, sobre a necessidade do equilíbrio físico-mental na educação e enfatizou a necessidade de treinamento vocacional”*.

Segundo Suarez, White dedicou sua vida para conduzir seu povo a servir melhor, colocando a educação cristã como uma ferramenta preciosa no preparo do homem para tornar-se um ser restaurado. Implantou escolas, ensinou, escreveu, orientou e viveu o que ensinava.

Seus escritos educacionais trazem orientações sobre toda escala da educação, com conselhos aos professores, pais e alunos. Acrescenta, também, que:

Uma leitura atenta dos escritos de Ellen G. White revela uma mulher de personalidade cativante, uma empreendedora incansável, pregadora carismática e escritora de estilo homilético-devocional agradável. Mais ainda: apresenta uma pessoa à frente do seu tempo, orientando, motivando e patrocinando o estabelecimento de igrejas, escolas, hospitais, gráficas [...] a biografia de Ellen G. White mostra-nos uma pessoa forte e frágil que transita a vida toda entre dois mundos: o do feminino e o do masculino, o da saúde e o da doença, o da obediência e o da “rebeldia”, o da obediência e o da “transgressão”, o da consciência tranquila e o da consciência em luta, o do espiritual e o do “secular” (2012, p. 20).

Hoje, a educação tem como finalidade a preparação do educando para o exercício da cidadania; conforme nos diz a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96, Art. 2º, P. 5), e o educador é extremamente importante neste processo de construção. Torna-se necessário verificar o que White e outros escritores escreveram sobre as competências necessárias para que o educador desempenhe seu papel com eficiência.

White foi segundo Suarez, uma mulher a frente de seu tempo, firme, ousada, trabalhou incansavelmente para mudar o pensamento dos seus contemporâneos cristãos que na época não desejavam e nem mesmo eram a favor de investir em educação. Suarez nos fala sobre a necessidade de olhar para os escritos educacionais de Ellen White:

Porque fazer esta abordagem? Porque falar de Ellen White? Primeiramente porque [...] suas ideias educacionais estão fundamentadas nessa tríade, conferindo-lhe uma perspectiva rica e abrangente, possibilitando uma formação que inclui aspectos religiosos-espirituais, cognitivos e físicos. Além disso, os escritos de Ellen White causaram e ainda causam hoje um impacto considerável (2012, p.18).

O “Michigan Women: Firsts and Founders” (HARLEY e MACDOWELL, vol. II, p.119), afirma ser ela a autora norte-americana (incluindo os autores de ambos os sexos) mais traduzida de todos os tempos. Seu livro “Educação” vem sendo sucessivamente reeditado desde 1903. Apesar deste fato, esta autora ainda permanece desconhecida pelo público e pelo meio acadêmico fora do meio adventista, público para quem ela escreveu.

Seus pensamentos, seus ensinamentos e até mesmo sua vida estão entrelaçados com a educação. Foi a fundadora da primeira escola adventista, o Battle Creek College, que posteriormente veio a tornar-se a Andrews University, atualmente localizada em Michigan, Estados Unidos.

O caminho então delineado para um aprofundamento é o universo dos escritos educacionais de Ellen White, especificamente voltados para o educador em uma conversa com escritores da atualidade que discorrem sobre os mesmos tópicos, sendo este o corpus de análise.

Objetivando descrever a percepção dos autores sobre o perfil do educador que deve emergir nesse cenário, a pesquisa buscou refletir sobre as necessidades atuais para o educador.

Neste sentido, Dias Sobrinho nos diz:

Tem que ter a dimensão acadêmica para a técnica, a ética, a política e o social, ou seja, para todos os aspectos que tem a ver com o desenvolvimento material e espiritual do indivíduo e da sociedade (2002, p.15).

Neste trabalho, primeiramente, apresentamos os princípios pedagógicos no pensamento educacional de Ellen White, em seguida, os princípios de Ellen White com autores da atualidade e, por fim, as propostas para a Educação sociocomunitária.

CAPÍTULO 1

1.1. Alguns Princípios para o Educador

O educador deve ter consciência de seu papel de influência junto ao aluno. Tudo o que ele faz, cada gesto, tom da voz, maneira de ser, um olhar, um gesto de desatenção, afeta diretamente seus alunos. A figura do educador sempre ocupou um papel central na educação. Por isso, torna-se necessário estudar e conhecer um pouco mais sobre o discurso, a vida e a formação do professor. Este profissional não pode perder de vista a sua postura, personalidade, comportamento, pois esses fatores influenciam o aluno tanto quanto, ou mais que suas palavras.

Segundo Morales, (2003, p. 15):

O que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, o mais importante e o mais permanente, no processo de ensino-aprendizagem, e isso por sua vez depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos.

O professor mais que qualquer outro profissional tem sua vida entrelaçada com sua profissão, isso nos faz pensar que não se está professor, se é professor. Teoria e prática são questões extremamente pertinentes à formação do professor.

Tapia nos diz que:

Conscientemente ou não, o professor transmite valores e atitudes: sua maneira de ser, de raciocinar, sua forma de apresentar os problemas, seus critérios para solucionar os conflitos que se apresentam sua maneira de viver (2001, p. 107).

Os professores têm enorme responsabilidade sobre seus gestos e atitudes, cujas características são cuidadosamente apreendidas pelos alunos. É difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida, pois cada ser humano é fruto do processo desencadeado ao longo da vida. Portanto, a prática docente também é um processo que necessita pensar e unir o teórico ao prático, não havendo nenhuma segregação entre o trabalho manual e intelectual.

White afirma que:

Os hábitos e princípios de um professor devem ser considerados ainda de maior importância que suas qualificações acadêmicas. Se ele é um cristão sincero, sentirá a necessidade de manter igual

interesse na educação física, moral e espiritual de seus alunos. A fim de exercer a devida influência, o professor deve ter perfeito domínio sobre si mesmo, e seu próprio coração deve estar cheio de amor para com os alunos - amor que se manifestará em sua expressão, nas palavras e nos atos. Ele precisa ter firmeza de caráter, e então poderá moldar a mente dos alunos, da mesma maneira que os instrui nas ciências [...], os que lidam com os jovens devem ser muito cuidadosos em despertar as qualidades mentais, a fim de melhor saberem como lhes dirigir as faculdades para serem exercitadas de maneira mais proveitosa (2008, p. 12).

Paviani (1987) questiona o comportamento ético do professor em relação a alguns aspectos. Ele afirma que o professor continua ensinando normas e preceitos, ao invés de práticas. A contradição entre o dizer como se deve fazer e o exemplo concreto do agir do professor falsifica aquilo que ele pretende ensinar. Desse modo, pode-se questionar, por exemplo, o sentido ético da punição adotada ainda hoje por muitos professores.

Não adianta pregar certas ideias e virtudes, defender a autonomia e a dignidade do aluno se o professor, em sua sala de aula, defende e aplica o castigo aos seus alunos. Tais castigos, embora não sejam mais corporais como antes, ocorrem através da ameaça e de outras estratégias punitivas que visam controlar o grau de obediência do estudante. Não adianta ao professor defender a educação como um processo de comunicação, de diálogo, de busca, de troca e de encontro se ele é um monopolizador da verdade e do conhecimento, não permitindo a reciprocidade no ato da comunicação. O comportamento ético do professor implica na coerência de sua práxis pedagógica, isto é, se seu discurso (teoria) gira em torno de uma educação voltada para a autonomia do sujeito, a maneira como conduz o ato pedagógico em sala de aula (prática) deve ser uma extensão desse discurso.

Diz Paulo Freire:

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acha em formação para exercê-la. Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro [...] Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo do discurso citado acima, que condena a exploração da força de trabalho do ser

humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe (2006, p.15).

Uma prática docente voltada para a autonomia do sujeito deve ocupar-se em desenvolver no aluno a capacidade de situar-se criticamente diante dos valores que lhe são apresentados, das regras a serem observadas, percebendo que apesar de ser um ser condicionado por situações concretas e existenciais é capaz de superar a si mesmo e a essas situações. Trata-se, pois, de uma prática docente que respeita a liberdade do aluno na exposição de suas ideias e opiniões, na expressão de sua curiosidade, ensejando *“uma educação para a liberdade e por meio dela, a fim de não se tornar adestramento ou doutrinação”*, conforme lembra Aranha (1989).

Autonomia significa, etimologicamente, governo ou lei de si mesmo. Mas, como bem adverte Aranha (1989), autonomia não deve ser confundida com individualismo, pois, o sujeito, como ser moral, supõe a responsabilidade (responde por seus atos) e a reciprocidade (toda ação é intersubjetiva). Por isso, a construção da autonomia passa por um processo de superação da heteronomia (governo ou lei de outrem), do egoísmo e do comodismo.

Um sujeito autônomo é, assim, um sujeito autodeterminado, que observa as regras inerentes à convivência social, não por imposição, mas por necessidade interna de agir moralmente, conscientemente, de acordo com os ideais democráticos de respeito mútuo e reciprocidade (ARAÚJO, 1997).

Agir moralmente significa ser capaz de agir por si próprio, discernindo racionalmente o que é certo e o que é errado. Considerar as regras sociais, nesse caso, é uma atitude coerente com a moralidade, provém da consciência do sujeito, e não da imposição de outros. Nisso consiste a autonomia moral do sujeito. Na sala de aula, a construção da autonomia moral e intelectual não deve ser coibida, mas propiciada pela relação professor-aluno.

Os processos de transmissão dos conhecimentos, valores, atitudes e comportamentos passam pela apropriação do como se realiza o trabalho. Não é o

que se faz, mas como e com que meios de trabalho se faz. Ao isolar teoria da prática, a capacidade de pensar sobre a ação pedagógica fica abalada.

Outra questão a se pensar no trabalho do professor é sobre a reflexão-ação. O professor é um profissional reflexivo, pois nunca se satisfaz com sua prática, jamais a julga perfeita, concluída, sem possibilidade de aprimoramento. Está sempre em contato com outros profissionais, lê, observa, analisa para atender sempre melhor ao aluno, sujeito e objeto de sua ação docente. Para Freire (1996, p. 44) o momento fundamental na formação permanente dos professores é o da reflexão crítica sobre a prática. *“É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”*. O professor deve ter um relacionamento com seu aluno baseado na reflexão: O que faço, o que digo, tem ressonância, significado, importância para o aluno? *“Refletir sobre o próprio ensino exige espírito aberto, responsabilidade e sinceridade”*.

O professor precisa refletir sobre suas experiências e saberes. Muitos pensam na formação continuada e em cursos de capacitação para realizar essa prática porque o homem é, segundo Freire, inacabado, inconcluso e deve ser consciente de sua inconclusão:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política, ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, na finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundem aí (FREIRE, 1997,20).

O ensino diferenciado deveria partir da construção, ação-reflexão-ação do próprio educador. Isso implica um processo de pensar, ou seja, fazer uma reflexão na ação, permitindo a reorientação da ação no mesmo momento em que a está vivendo.

Freire explica e sistematiza o conceito de reflexão:

O que teríamos que fazer, então, seria como diz Paul Legrand, ajudar o homem a organizar reflexivamente o pensamento. Colocar como diz Legrand, um novo termo entre o compreender e o atuar: o pensar (1984 pp. 67-68).

Outro momento desse processo é a reflexão na ação. O profissional busca a compreensão da ação, elabora sua interpretação e tem condições de criar alternativas para aquela situação. Os autores afirmam que os professores são o centro de toda atividade da sala de aula, pois são eles que controlam e são responsáveis por tudo o que acontece aos seus alunos, devendo assim atender às muitas necessidades à medida que aparecem ao longo do dia, trazendo benefícios educacionais à todos sob a sua supervisão. Portanto, é necessário que o professor possua, além de desejo, muitos outros requisitos que serão de grande aproveitamento para seu bom desempenho como professor.

É necessário que o professor, e em particular os que lidam com crianças e jovens, tenham vigor físico, bom entendimento do desenvolvimento humano, respeito pela personalidade e espírito científico, paciência, maturidade emocional, energia, calor humano e engenhosidade, além de flexibilidade e habilidade de alegrar e incentivar as crianças. Entretanto, essas qualidades não podem ser ensinadas em um programa de formação de professor, a grande maioria delas faz parte de aptidões inerentes e inatas. Mas há competências que podem ser aprendidas, pois são aptidões e posturas que tornarão o professor sabendo o que deve fazer e o que deve saber.

Todos os que lidam com crianças pequenas devem ter conhecimentos básicos de saúde e segurança, pois as crianças precisam ser mantidas saudáveis e íntegras. Além da necessidade de ter técnicas de apresentação de atividades, planejamento e condução dessas atividades educativas, é necessário ter técnicas de manejo em grupo para que possam estabelecer regras para a sala de aula e saber como lidar com crianças indisciplinadas, influenciando-as, sem ser punitivo. Devem ter conhecimentos gerais e estarem bem fundamentados em áreas amplas de conhecimento.

O educador deve ter a formação superior necessária que o capacite para desempenhar com eficiência e eficácia sua profissão, detendo todas as ferramentas necessárias para o exercício da sua profissão, pois estão envolvidos em todas as situações.

O educador necessita ter um papel afetivo, instrucional e relacional, devendo diagnosticar as necessidades das crianças, montar currículos adequados às capacidades delas, aconselhar, saber tomar decisões, algumas de ordem

instantâneas, outras planejadas, reflexivas e selecionadas. Espera-se do professor, assim como de tantas outras profissões, mas de um modo particular dos que lidam com crianças, que desempenhem uma postura ética, que tenham conhecimentos e habilidades para garantir a qualidade do ensino, estabelecendo padrões de contínuo desenvolvimento profissional, trazendo assim benefícios para todas as crianças que estão sob a orientação desse professor.

Há alguns problemas enfrentados no dia a dia, às vezes sonha-se com uma coisa que parece ser quase impossível, com uma escola ideal, alunos lindos e inteligentes, harmonia e aprendizado dentro do contexto perfeito de uma rotina escolar, mas a realidade é totalmente diferente.

As dificuldades não devem impedir a vontade de progredir na motivação dos alunos pelo assunto proposto. O significado literário de motivação é motivo de uma ação, o que nos impulsiona e nos entusiasma. Quando o aluno demonstra vontade de aprender, uma grande motivação é dado ao professor, o aluno passa agir em sintonia com o discente e como resultado desse círculo, temos o aprendizado.

A motivação do educador deve vir de dentro, não adianta ele apresentar vários tipos de materiais que aparentemente chamarão a atenção se o aluno não sentir tal motivação. O papel do professor para desenvolver um bom trabalho é a divisão de experiências e descobertas realizadas pelo o grupo e, isso só acontece se houver motivação. Cabe ao educador observar com cuidado e carinho para saber como despertar curiosidades e seus interesses e descobrir como cada um aprende, como o raciocínio progride e em que ponto está o desenvolvimento. Fazendo assim, ambos caminharão juntos e mais fundo em busca de novos conhecimentos, com melhores condições de favorecer a aprendizagem, e com a oportunidade de entender como ajustar as atividades às características evolutivas dos processos de desenvolvimento do estudante.

Sem dúvida alguma o professor tem papel fundamental como eixo da motivação e impulsionador do aprendizado do estudante. A motivação passa a ser completa quando se torna significativa, sendo que a relação afetiva entre o professor e aluno é essencial para um bom desempenho escolar.

Em suma, todo professor deve descobrir estratégias para conduzir a rota da motivação, tanto no relacionamento afetivo, quanto no sistema de ensino-

aprendizagem, transformando cada aula em uma experiência única e prazerosa, contudo estabelecendo limites, respeitando e ganhando o respeito.

O professor que pesquisa tem condições de aperfeiçoar suas teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto de aprendizagem, interagindo com o aluno. Outros aspectos que o professor trabalha são:

- a) Focaliza a dimensão de continuidade e descontinuidade entre o lar e a escola na vida das crianças, dando atenção especial aos processos interacionais em sala de aula;
- b) Ajuda o aluno a atingir a compreensão conceitual;
- c) Investiga seu próprio trabalho, visando identificar a melhor forma de apresentar um assunto;
- d) Troca experiências com outros professores;
- e) Analisa sobre sua prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências.

O professor passa a compreender melhor a teoria prática, resultando em processo de ação-reflexão-ação. No decorrer da história, houve distintas ideologias referentes à função e formação do professor. São elas:

- a) A perspectiva tradicional, que concebe o ensino como uma atividade artesanal, e o professor como um artesão;
- b) A perspectiva técnica, que concebe o ensino como uma ciência aplicada e o docente como um técnico;
- c) A perspectiva radical, que concebe o ensino como uma atividade crítica e o docente como um profissional autônomo que investiga refletindo sobre sua prática.

O professor é o exemplo de sua prática, ele deve saber que toda ação, postura, gestos, fala, maneira de agir e lidar com seus alunos vai ensinar muito mais que suas palavras. Se ele deseja alunos curiosos, pesquisadores, dispostos a ir além do currículo, ele deve ser esse educador pesquisador, despertando em seus alunos o desejo de descobrir. Se ele deseja alunos respeitosos, ele deve ser o primeiro a praticar o respeito em sala de aula.

Se deseja alunos que respeitem a individualidade e diferenças de cada um, sendo a prática da inclusão uma realidade em sua sala de aula, ele deve ser o primeiro a respeitar e promover este comportamento, jamais aceitando qualquer tipo

de rejeição ou *bullying*. Ao tratar com as limitações dos alunos, deve fazê-lo com respeito, jamais constrangendo ou expondo.

A questão ética em sala de aula deve ser altamente levada em conta e praticada, sabendo que sua postura pode influenciar positivamente seu aluno para o resto da vida ou arruinar a vida dele, tornando tudo mais difícil.

Por tudo isto se torna relevante considerar os conselhos de White e Freire para que o professor seja um ensinador por preceitos e exemplos, dando corporeidade às suas palavras, vivendo-as a cada instante em seu dia a dia profissional.

Reconhecemos o quanto o papel do educador é de extrema relevância e como este profissional precisa constantemente se autoavaliar, buscando aperfeiçoar seu próprio caráter, postura e ação. Concordamos inteiramente com Paulo Freire quando afirma que não se faz um educador de repente, numa certa terça-feira, mas este educador é construído e reconstruído diariamente em sua própria prática, avaliando suas próprias experiências, submetendo todo o seu ser, temperamento, atitudes, ações e sabendo que o material de trabalho em suas mãos é nada menos que uma vida. Atualmente, o escritor Philippe Perrenould também tem pesquisado e escrito sobre o assunto, tendo editado vários livros sobre as competências do professor. Em seu livro “As Dez Novas Competências para Ensinar”, Perrenould sistematiza dez competências que o educador precisa desenvolver para um exercício eficiente e eficaz da docência. Listaremos a seguir as dez competências de Perrenould (2000):

a) organizar e dirigir situações de aprendizagem. O educador necessita entender que a capacidade de ensinar bem é, sem dúvida, uma nova competência porque o ofício de professor, conforme nós o conhecemos, não tem mais espaço nos dias atuais. Não há padronização nos educandos, cada um vem para o ambiente escolar com sua história de vida e cada aluno vivencia a aula em que está inserido de diferentes formas. Então, agora mais do que nunca se faz necessário pensar e criar situações de aprendizagem de forma a envolver, diferenciar e criar situações que se traduzam em objetivos de aprendizagem.

b) administrar a progressão das aprendizagens. O educador precisa antever e administrar situações-problema ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos, propiciando reflexões, desafios intelectuais. Ele também precisa dominar a

formação do ciclo de aprendizagem, as fases do conhecimento e do desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente. Além disso, deve ter sentimento de responsabilidade pelo pleno conjunto da formação do ensino fundamental, observando e avaliando os alunos em situações de aprendizagens.

c) conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação. O educador necessita administrar as diferenças no âmbito de uma turma, fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de grandes dificuldades sem, todavia, transformar-se num psicoterapeuta, desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de ensino mútuo, criando uma cultura de cooperação através de atitudes e da reflexão sobre a experiência, proporcionando em classe um clima de cooperação e aprendizagem.

d) envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho. O educador necessita despertar nos educandos o desejo de aprender, oferecer atividades opcionais de formação, negociar com os alunos regras e outros acertos através de um conselho eleito por eles e favorecer seus projetos pessoais.

e) trabalhar em equipe. O educador necessita despertar a motivação nos alunos de forma que aprendam e sintam prazer no trabalho em equipe, alcançando enfrentamento e análise em conjunto de situações complexas e a administração de crises e conflitos interpessoais.

f) participar da administração da escola. Não só os professores, mas também o pessoal administrativo deve participar da gestão da escola, entendendo qual o projeto daquela instituição, aprendendo a administrar os recursos existentes não só na escola mas no seu entorno, com moradores e associação de pais, de forma a organizar e fazer evoluir a participação dos alunos no âmbito da escola.

g) informar e envolver os pais. Dirigir reuniões de informação e de debate, fazer entrevistas e envolver os pais na construção do saber. Essa participação é fundamental para o processo de aprendizagem.

h) utilizar novas tecnologias. O educador não pode ignorar que as crianças já nascem em contato com as novas tecnologias e certamente não aceitarão um modo de aprendizagem ultrapassado, pouco instigante e lento. As novas tecnologias da informação e da comunicação transformam as maneiras de comunicar, trabalhar, decidir e pensar. O professor precisa lançar mãos das novas tecnologias com objetivos educacionais.

i) enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão. Prevenir a violência na escola e fora dela, lutando contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais, inclusive o chamado “*bullying*”. Participar da criação de regras de vida comum referente à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta. Analisar a relação pedagógica, a autoridade, a comunicação em aula, desenvolvendo o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.

j) administrar sua própria formação contínua. Dessa forma estará garantida a atualização e o desenvolvimento de todas as demais competências, segundo Perrenoud. A escola não é um ambiente estável e por isso precisa que o professor esteja sempre preparado para lidar e intervir em todas as situações que ocorrerem. Se você não cuidar do seu próprio crescimento, ninguém fará isso por você.

1.2. Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin: aspectos da vida e obra

Entender as concepções educacionais de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin e o que eles escreveram sobre o educador passa necessariamente por conhecer história de vida desses educadores e o que eles acreditavam.

De acordo com Douglass (2009, p.48), Ellen White foi uma autodidata, escritora cristã norte-americana, tendo iniciado sua carreira de escritora em 1851. Seus livros abrangem as áreas de nutrição, educação, vida familiar, saúde, história e religião. É a fundadora da Educação Adventista. Viveu em meados do séc. XIX.

Segundo Dantas (2007, p.6), Paulo Freire, educador brasileiro, nasceu em Recife, Pernambuco, e é formado em direito. Sofreu a perseguição do regime militar no Brasil (1964-1985), sendo preso e forçado ao exílio. Foi o mais célebre educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, ele desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. O principal livro de Freire se intitula justamente “Pedagogia do Oprimido” e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra.

Edgard Morin, estudioso francês, nascido em 8 de julho de 1921, graduou-se em Economia Política, História, Geografia e Direito. Publicou em 1977 o primeiro livro da série “O Método” em que inicia sua explanação sobre a teoria da complexidade. Em 1999, lançou “A Cabeça Bem-Feita” (Ed. Bertrand Brasil) e “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro” (Ed. Cortez), além de outros três títulos sobre educação.

Estes três escritores viveram inúmeras diferenças decorrentes de culturas, tempo e experiências diversas. Em seus livros encontramos pontos divergentes, mas também encontramos pensamentos congruentes. Deteremos-nos e relacionaremos os pontos de pensamentos congruentes. Para esses três autores, ainda que o educador não seja o único responsável pela transformação social, ele tem parte extremamente importante neste processo, necessitando de constante preparo, reflexão e pesquisa para executarem com eficiência e eficácia seu papel como educador, além das competências apresentadas pelos autores como necessárias ao educador, ainda segundo eles torna-se necessário o desenvolvimento de uma vida de exemplo para o educador como algo básico e inerente para a prática de sua ação: o educador deve entender que sua vida está entremeada com seu trabalho, suas ações, gestos, palavras, modo como reage diante de conflitos. Seu caráter ensina mais que suas palavras.

White, Freire e Morin, falam num novo mundo recriado com base no amor, mas, colocando em contextos diferentes. Eles creem que a educação deve ser o meio para desenvolver nos alunos suas potencialidades, respeitando seus saberes, suas histórias, suas culturas. Freire fala de ensinar a pensar certo. Morin fala de uma reforma no pensamento e White de restaurar no homem a imagem de Deus.

O novo papel do educador no contexto desses autores será muito mais abrangente, sendo necessário ampliar seu raio de atuação e visão de mundo, ensinando o homem sua humanidade, gerando em seus alunos solidariedade e compreensão e preparando-os para servirem a sociedade. É preciso respeitar as diferenças, as diversidades socioculturais, tendo consciência da terra e da realidade que os rodeia, levando em consideração seu papel na sociedade.

O educador deve não somente ter sabedoria ou ensinar aquilo que está nos livros e no currículo, mas deve ensinar a ler o mundo, a compreender a realidade em volta e a entender que estão inseridos na história não somente como espectadores,

mas como aqueles que podem contribuir para com a transformação da sociedade em que estão inseridos.

Para promover a formação contínua, o educador deve ser o perfil do educador do século XXI: professor, pesquisador e reflexivo. Outro fator preponderante para o educador é seu papel frente a educação popular, que é uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Sua principal característica é utilizar o saber da comunidade como matéria prima para seu desenvolvimento. É aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas geradores do cotidiano, vendo e envolvendo-se em uma educação sociocomunitária. O educador necessita ter uma percepção política mais global para poder colocar um novo significado em sua ação, fazendo um trabalho educativo voltado para o questionamento, levando a uma reflexão sobre as realidades vividas pelos educandos e suas formas de alterá-las.

Embora cada um tenha mantido foco diferente, encontramos em seus pensamentos linhas que se coadunam: os três vêm a educação de forma holística, devendo desenvolver no homem mais do que crescimento cognitivo, mas envolvendo todo o ser do educando. White vê na educação cristã a forma de poder transformar o homem de forma total, completa, ou seja, holística. Ela tem a Bíblia como referencial. Já para Freire, sua concepção de pedagogia era progressista, libertária, prega um projeto político que visa romper com as conservas sociais e com as múltiplas formas de opressão. Morin cria sua teoria da complexidade formulando de um modo sintético todas as questões de epistemologia que estavam pendentes ao longo do tempo. Para ele, o mais importante era manter a visão do geral, pois quando o saber se fragmenta perde partes importantes nas dobras impedindo o conhecimento do todo.

Nas palavras de White, o educador deve ensinar por preceito e exemplo. Nas palavras de Freire, não se pode ensinar sem que o educador dê corporeidade às suas palavras.

Outro fator de extrema importância é a questão da autoridade do educador, que segundo White deve ser mantida com muito zelo e atenção e segundo Paulo Freire está atrelada às suas competências e eticidade.

White, Freire e Morin, falam num novo mundo recriado com base no amor, mas, colocando em contextos diferentes. Eles creem que a educação deve ser o meio para desenvolver nos alunos suas potencialidades, respeitando seus saberes, suas histórias, suas culturas. Freire fala de ensinar a pensar certo. Morin fala de uma reforma no pensamento e White de restaurar no homem à imagem de Deus.

O novo papel do educador no contexto desses autores será muito mais abrangente, sendo necessário ampliar seu raio de atuação e visão de mundo, ensinando o homem sua humanidade, gerando em seus alunos solidariedade e compreensão e preparando-os para servirem a sociedade. É preciso respeitar as diferenças, as diversidades socioculturais, tendo consciência da terra e da realidade que os rodeia, levando em consideração seu papel na sociedade.

O educador deve não somente ter sabedoria ou ensinar aquilo que está nos livros e no currículo, mas deve ensinar a ler o mundo, a compreender a realidade em volta e a entender que estão inseridos na história não somente como espectadores, mas como aqueles que podem contribuir para com a transformação da sociedade em que estão inseridos.

Assim como acabamos de ver, há muitos pontos semelhantes no pensamento pedagógico de Ellen White, Edgard Morin e Paulo Freire, apesar da distância de tempo e cultura vividos entre esses autores. É claro que este assunto não se esgota aqui, ainda há muito por analisar e comparar, descobrindo novas possibilidades, o que fica como proposta para um próximo estudo, mais profundo.

Concordamos com o que disse Paulo Freire que ninguém se torna educador numa certa terça-feira, ou seja, ser educador se constrói com muitos anos de pesquisa, preparo e reflexão.

1.3- Princípios para o educador segundo Ellen White

Ellen White foi uma escritora religiosa que escreveu para seu povo. O povo adventista acreditava em uma educação holística que deveria preparar o estudante para os desafios deste mundo, portanto, tinha a missão de preocupar-se com o estudante de forma integral, desenvolvendo faculdades físicas, intelectuais e espirituais. White acredita em uma educação em que o educador estabelece uma relação de respeito e afetividade com o aluno, estabelecendo o diálogo. Ela acredita que a obra da educação é dirigir, educar e desenvolver (2008, p. 10).

O ponto nevrálgico do pensamento de Ellen White era direcionar todas suas práticas e crenças mais para cima, para outra esfera, só possível de acontecer a partir de uma vida de obediência aos ditames escriturísticos. Ellen White dizia que ser educador era um trabalho para pessoas com chamados especiais, não poderia ser realizado por qualquer pessoa, mas deveria ter requisitos para empreender a mais bela de todas as obras. *“Ao professor é confiada importantíssima obra - obra para a qual ele não deve entrar sem cuidadoso e completo preparo. Cumpre-lhes sentir a santidade de sua vocação e a ela entregar-se com zelo e dedicação”* (WHITE, 1994, p. 229). *“A mais bela obra jamais empreendida por homens e mulheres é lidar com espíritos jovens”* (WHITE, 1976, p. 1). *“Ninguém que lida com jovens deve ser de coração duro, e sim afetuoso, terno, compassivo, cortês, cativante e sociável”* (WHITE, 1975, p.456).

Obra que o educador deveria realizar com muito cuidado e completo preparo. Ela foi minuciosa em seus escritos ao falar acerca dos atributos desejáveis ao educador. Para ela, a verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter.

O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Precisa de homens cuja habilidade seja dirigida por princípios firmes, contudo, o que especificamente, era a educação para ela?

Para White, a educação simplesmente é:

A mais bela obra já empreendida por homens e mulheres e abrange mais que mero conhecimento de livros. Envolve tudo quanto é bom, virtuoso, justo e santo. Compreende a prática da temperança, da piedade, bondade fraternal, e amor para com Deus e de uns para com os outros. A fim de atingir a esse objetivo, é preciso dar atenção à educação física, mental, moral e religiosa do aluno, pois, a verdadeira educação é mais que uma preparação para a vida. A verdadeira educação inclui todo o ser. Ela ensina o devido. Emprego do próprio eu. Habilita-nos a fazer o melhor uso do cérebro, ossos e músculos; do corpo mente e coração (2006, p.389).

A noção de educação de White é de uma educação restauradora. Segundo ela, semelhante à restauração é a educação – holística que, além do caráter

espiritual apresenta a função social da educação. A redenção nos escritos *whiteanos* nos leva a pensar em libertação e emancipação de ideias.

Nesse sentido e, segundo Suarez (2010), White defende a ideia de que um objetivo da liberdade é o desenvolvimento do caráter, num crescimento integral, corpo, mente e alma, caracterizando uma educação que significa benefício ao ser humano, pois segundo ela, o ser humano tem noção de sua incompletude, chamando a atenção para o inacabado.

Segundo White, a verdadeira educação promove o desenvolvimento do sujeito em toda a sua complexidade, sintonizando-o com a demanda da sociedade.

Referenciando Suarez, a noção de educação-redenção é fundamental nos escritos de Ellen White. Para White (2010, p. 51) se, *“a educação não efetuar mudanças na vida, nos hábitos, e na prática, ela não é verdade e de nada adiantará”*.

Para White, o ser humano é complexo e, como tal, precisa reestruturar, reequilibrar o desequilíbrio da unidade complexa da natureza humana promovendo o fortalecimento da totalidade do ser, o desenvolvimento holístico.

Quando ela fala de restaurar a totalidade do ser, ela indica que não se deve desenvolver uma educação fragmenta, ou mesmo não se pode enaltecer um aspecto em detrimento do outro. Para ela, as culturas orais, intelectuais e físicas deveriam ser combinadas para ter homens e mulheres bem desenvolvidos e bem equilibrados. O processo de ensino aprendizagem deveria ser encarado como muito mais que adestramento ou disciplina mental. Sua intenção deveria ser produzir homens fortes para pensar e agir, homens senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento e coragem nas convicções, despertando nos estudantes as sensibilidades morais transformando-se em cidadãos no sentido amplo da palavra, tornando-se influência positiva para a sociedade.

White afirma que o intelecto precisa expandir-se, adquirir vigor, agudeza e atividade, conferindo solidez ao intelecto.

A verdadeira educação significa mais do que avançar numa determinada série de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Ela tem que ver com todo o ser, e com todo o período de existência possível ao homem (2008, p. 75).

Suarez (2010, p. 68) afirma que a educação *whiteana* valoriza e promove o desenvolvimento do pensamento reflexivo. Ela acreditava em uma educação que ensinava o aluno a pensar, respeitava suas opiniões, fazia uma pesada crítica ao método de memorização de conteúdos (White, 2007, p. 230) e procurava desenvolver no estudante um elevado senso crítico, tornando-os formadores de opinião.

Ainda de acordo com White, “*é a obra da verdadeira educação desenvolver e preparar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento e outrem*” (2008, p. 113).

A educação *whiteana* fala da importância de se ensinar, por preceito e, por exemplo, lições de compaixão, amabilidade, piedade, cortesia, alegria e afeto - características da convivência entre as pessoas, valorizando a disposição de cooperação. Deve desenvolver todas as potencialidades, não somente a cognitiva, e quanto a isto ela se expressou da seguinte forma:

A maior necessidade do mundo é a de homens-homens não se comprem nem se vendem homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo nome exato, homens cuja consciência seja tão fiel ao dever, como a bússola o é ao polo, homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus (2008, p.57).

Ellen White afirma que o estudante precisa ter inteligência interpessoal, aprendendo a respeitar a dignidade das pessoas e considerando-as como membros da grande fraternidade humana. White também valoriza a capacidade de raciocínio, condenando toda prática de obediência cega. Ela não defende nem mesmo a obediência imposta, seu princípio é de que é melhor pedir que ordenar, a obediência deve ser resultado de escolha e nunca de coação.

White recomenda que a educação deva preocupar-se em desenvolver nos estudantes o interesse pela comunidade, bem como cultivar neles o espírito filantrópico. O educador deve desenvolver uma prática pedagógica que envolva o sujeito em toda a sua complexidade, impactando-os em todas as suas dimensões, sintonizando-os com a demanda da sociedade.

White dizia que a educação não poderia deixar de fora o ensino do trabalho, pois este traria grandes benefícios ao estudante, formando seu caráter, beneficiando sua saúde e preparando-o para o serviço.

Apresentamos a seguir a síntese das competências que devem ser desenvolvidas pelo educador baseado em Ellen White:

- a. O educador deve ter preparo cuidadoso e completo;
- b. O educador deve ser escolhido dentre os melhores profissionais;
- c. O professor deve saber lidar com a mente humana;
- d. O educador deve formar homens e mulheres de sólidos princípios;
- e. O professor deve ser exemplo, tornando-se o que deseja que os alunos sejam;
- f. O professor deve controlar seu temperamento.

Suarez, (2010, p. 66) destaca a prática pedagógica de Ellen G. White sistematizando também dez pontos dos quais destacamos os seguintes:

- a) **Respeito pela natureza:** estimular o estudo, proteção e conservação da natureza;
- b) **Utilização do intelecto:** incentivar a utilização das faculdades mentais na aquisição e construção do conhecimento;
- c) **Desenvolvimento do pensamento crítico:** promover o desenvolvimento do senso crítico e pensamento reflexivo, tornando o estudante pensador e não refletor dos pensamentos alheios;
- d) **Valorização da saúde:** promover a aquisição de hábitos saudáveis pelo conhecimento do corpo e das leis que o regem;
- e) **Envolvimento nos deveres práticos e cidadania:** incentivar o desenvolvimento dos deveres práticos da vida diária, assim como o exercício de uma verdadeira cidadania;
- f) **Valorização da autonomia:** promover a autonomia e a autenticidade alicerçadas nos valores bíblicos cristãos;
- g) **Desenvolvimento da autoestima:** favorecer o desenvolvimento da autoestima positiva, do sentimento de aceitação e de segurança;
- h) **Desenvolvimento de relacionamento interpessoal:** resgatar os bons relacionamentos interpessoais, bem como espírito cooperativo.

A educação deve não apenas formar trabalhadores para as exigências do mercado de trabalho, mas cidadãos críticos capazes de transformar seu ambiente valorizando cada vez mais o conhecimento, tornando-se cidadãos que contribuam

para melhorar o mundo em que vivemos, pessoas que prestem serviços à sociedade e que tenham a visão nítida de seu papel nela.

O pensamento de White baseia-se exatamente desta forma em relação ao propósito da verdadeira educação:

A verdadeira educação significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para a alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro (2003, p.23).

Ellen White reafirma em seus escritos que o objetivo da educação não se resume apenas no desenvolvimento cognitivo. Este é somente um elemento da educação, mas sua missão é muito mais ampla, pois deve preparar o estudante para os desafios deste mundo, podendo dar respostas às necessidades como um todo, olhando o aluno de forma integral, completa, e holística, preparando-o para responsabilidades sociais.

Suas ideias educacionais estão diretamente ligadas ao surgimento e manutenção da rede mundial de escolas adventistas. Para ela, a educação deve estabelecer um paralelo com a redenção humana.

Concordamos com Streck quando defende a relação entre fé e conhecimento:

Parto do pressuposto de que a fé cristã tem uma relação intrínseca com a educação. O teólogo e pedagogo Hans-jungen Fraas colocou muito bem esta relação dentro do contexto mais amplo da relação entre crer e aprender. Segundo ele, crer significa aprender, uma vez que a relação com Deus necessariamente deixa suas marcas no homem. Através desta relação o homem questiona a sua situação no mundo, pergunta pelo significado de sua vida, enfim é desencadeado um processo de aprendizagem. Da mesma forma, na base da aprendizagem está a predisposição desse abrir ao novo, uma atitude de confiança, que é também o fundamento da fé (1994, p. 13).

Ellen White acreditava que umas das formas de educar era o trabalho. Essa ideia se parece com o conceito de Pestalozzi que defende uma educação tridimensional da mente, do corpo e das mãos. Sentimento, ideia e trabalho: a tríade de Pestalozzi para as transformações necessárias aos alunos.

Segundo Luzuriaga, para Pestalozzi:

[...] A finalidade da educação seria a humanização do próprio homem, o desenvolvimento de todas as manifestações da vida humana, levada à maior plenitude e perfeição. Estas manifestações ocorreriam através de três capacidades do ser: o espírito, o coração e a mão. Ou, em outras palavras, a vida intelectual, a vida moral e a vida prática ou técnica, as quais devem ser desenvolvidas de forma integral e harmônica. Nesse sentido, percebemos que os princípios pedagógicos *pestalozzianos*, mostram-nos que o desenvolvimento afetivo em uníssono com o desenvolvimento intelecto-moral, conduz ao que denominamos de Educação Holística, que vem sendo utilizado contemporaneamente por diversos profissionais e/ou estudiosos do comportamento humano [...] (1978, p. 175).

White afirma que o trabalho é uma benção e que é indispensável para a saúde. Diz ela:

O trabalho é uma benção. Não é possível desfrutar saúde sem trabalho. É preciso exercitar todas as faculdades para que se desenvolvam devidamente e para que tanto os homens como as mulheres possuam uma mente bem equilibrada. Se os jovens houvessem recebido uma educação cabal nos diversos ramos de trabalho, se lhes tivessem ensinado o trabalho como as ciências, sua educação teria sido mais vantajosa para eles (1975, pp. 39-40).

Na afirmação acima, White descreve que a educação plena não pode deixar de lado o trabalho, pois este além de cooperar com a saúde também treina para uma vida de serviço em que o educando possa colaborar e contribuir com o desenvolvimento da sociedade.

Suarez destaca algumas implicações da práxis pedagógica *whiteana*:

- (1) Uma práxis que impacta o sujeito durante toda a sua vida, preenchendo todas as suas circunstâncias e espaço em que se encontra (todo o período de existência possível ao homem);
- (2) Uma práxis capaz de alcançar o sujeito em toda a sua complexidade, que possibilite desenvolver no educando todas as suas potencialidades (ela tem que ver com todo o ser [...] É o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, intelectuais e espirituais);
- (3) Uma práxis pedagógica que prepare para o serviço (prepara os alunos para a alegria do serviço deste mundo) (2010, p.123).

1.4 - Princípios para o educador segundo Paulo Freire e Edgard Morin

Freire considera o educador como alguém que necessita romper com o que ele denominou de consciência ingênua e atingir uma consciência crítica, tornando-se um sujeito histórico, comprometido com sua própria prática social. Se o educador é um ser histórico, ele é um agente de mudanças carregado de compromisso com a

realidade da qual não deve e não pode ser simples espectador. O educador crítico, ao se deparar com os fatos, tenta se afastar ao máximo dos preconceitos, não somente na captação, mas também na análise e na resposta. Embora Freire não fale diretamente de espiritualidade ou religiosidade, Gadotti afirma:

A prática pedagógica a qual Freire se entregou desde a sua juventude tem muito a ver com a sua religiosidade. Ele conta que certa vez, ainda muito pequeno, foi aos côregos e aos morros de Recife, nas zonas rurais impulsionado por ter certa intimidade com Cristo, e imbuído de uma visão adocicada mente cristã. Chegando lá, a dramática e desafiante realidade do povo o remeteu a Marx, o que não o impediu de encontrar-se com Cristo nos becos das ruas. Como pensador de esquerda, Paulo Freire acredita que ser cristão não é ser reacionário, e ser marxista não significa ser um burocrata desumano. Os cristãos devem rejeitar a exploração (1991, p. 78).

É só a partir desta dimensão cristã, como nos aponta Gadotti, que é possível compreender o pensamento filosófico de Freire. Paulo Freire nos diz que ensinar a ler palavras e não ensinar a ler o mundo, de pouco adianta. É necessário que a mudança possa levar a pessoa a uma reflexão crítica de seu mundo, de sua realidade que o impulse a mudanças. Freire acreditava que a educação deveria ter o compromisso social, levando seus alunos a tornarem-se um ser pensante, consciente, participativo, pois, segundo ele, os excluídos sociais são capazes de compreender a sua própria historicidade, a sua própria identidade:

Este compromisso com a humanização dos homens implica em uma responsabilidade histórica. Sendo assim, não pode realizar-se através de palavrorio, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos, tornando-o autônomo, que saiba fazer escolhas, assim como administrar suas decisões e assumir responsabilidades por elas, sendo pessoas que respeitem e valorizem outros, independente de raça, cor, credo religioso, sexo ou condição social (FREIRE, 1985, p.19).

Freire em “A Pedagogia da Autonomia”, chama a atenção para a necessidade de sair do egocentrismo e ensinar os estudantes a desenvolverem a solidariedade:

Nesse contexto em que o ideário neoliberal incorpora, dentre outras, as categorias da autonomia, é preciso também atentar para a força de seu discurso ideológico e para as inversões que pode operar no pensamento e na prática pedagógica ao estimular o individualismo e a competitividade. Como contraponto, denunciando o mal-estar que

vem sendo produzido pela ética do mercado, Freire anuncia a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres, como uma das formas de luta capazes de promover e instaurar a ética universal dos seres humanos. Essa dimensão utópica tem na pedagogia da autonomia uma de suas possibilidades (FREIRE, 1996, p. 7).

Freire nos diz que o ser humano é inacabado e tem consciência de sua inconclusão. De acordo com Suarez (2010), neste sentido, tanto Freire quanto White acreditam na educação como um convite a se refazer constantemente. Uma das características que Paulo Freire apresenta como necessária ao educador é a necessidade de estar inserido na realidade do aluno, de conhecer para poder propor um diálogo comprometido, buscando entender o mundo que o rodeia para poder estabelecer a ponte com o processo de ensino e aprendizagem.

Paulo Freire em seu livro “Educação e Mudança” (1991) discorre sobre o compromisso do profissional com a sociedade, mostrando que o educador deve buscar constantemente aperfeiçoamento e ampliando seus conhecimentos para bem melhor servir a sociedade:

Todavia, existe algo que deve ser destacado. Na medida em que o compromisso não pode ser um alto passivo, mas práxis-ação e reflexão sobre a realidade – inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade. Se compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este por sua vez, só é conseqüentemente quando está fundado cientificamente. Envolve, portanto, no compromisso do profissional, seja ele quem for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento, de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade. O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar sendo no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialismos estreitos (FREIRE, 1991, p.21).

Isto ocorre quando educando e educador conseguem se colocar na posição do outro, tendo a consciência de que, ao mesmo tempo, são educandos e educadores. Segundo ele, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1997, p.25). Na pedagogia do diálogo insere-se também o conceito de educação, em que ninguém sabe tudo e ninguém é inteiramente ignorante.

A educação não pode ser diminuidora da pessoa humana. Ela precisa conduzir à redenção. Por isso, uma educação que reprime não é a que redime. Para

Freire, nós nos educamos em comunidade. Portanto, o educando e o educador forma-se mutuamente ao longo do processo educativo, ou melhor, *“já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão”* (FREIRE, 1987, p. 130). Sua busca era por uma educação comprometida com os problemas da comunidade, o local em que se efetiva a *“vida do povo”*.

Segundo Freire, a educação pode ocorrer somente ao lado de um espírito de democracia, em que haja liberdade de expressão e de pensamento.

Neste contexto, a ideia de Freire de um bom professor nunca combina com um professor autoritário, impositivo, detentor do saber. Para este autor, o bom educador tem a qualidade de trazer seu aluno para a intimidade do movimento de seu pensamento. Ele afirma:

[...] Minha posição não é de negar o papel diretivo e necessário do educador. Mas não sou o tipo de educador que se considera dono dos objetos que estudo com os alunos. Estou extremamente interessado nos objetos de estudo – eles estimulam minha curiosidade e trago esse entusiasmo para os alunos. Então podemos juntos iluminar o objeto! (FREIRE, 1986, p.125).

Outro aspecto inerente ao bom educador segundo Freire é a autenticidade. O educador autêntico contribui para a facilitação no processo ensino aprendizagem.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1986, p.24).

Freire diz que a educação deveria ser do povo para o povo, e que atendessem às necessidades do povo.

O educador não precisa necessariamente ser um militante de um movimento social, mas encontramos algumas nuances que o constroem enquanto educador, as quais citamos a seguir:

- Deve compreender a realidade por ter um grau de conhecimento e intimidade com o universo do seu educando;
- Deve saber quem são seus alunos, onde vivem, como vivem, bem como seu lócus social;

- Deve entender a dinâmica do processo de aprendizagem, linguagem e como vivencia a emoção.

Desse modo, a formação dos educadores vai se construindo à medida que ele conhece os seus educandos. Por meio do diálogo busca-se encontrar e reencontrar com o histórico de cada um. De acordo com Paulo Freire e, somente desta forma, é possível construir um ambiente que favoreça o processo ensino aprendizagem.

Segundo o autor:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.96).

Em um de seus livros mais conhecidos, "Pedagogia da Autonomia", Freire sistematiza o que ele chama de saberes para a docência (1997, pp. 7-9).

Em seguida, destacaremos alguns desses saberes:

a) Não há docência sem discência. O ato de ensinar não pode preceder o ato de aprender. O educador deve estar aberto para apreender novos conceitos, ouvir seus alunos e, expandir seus conhecimentos. Educar é, prioritariamente, formar. Pensar certo é agir certo. Não há o pensar certo sem a ação certa correspondente.

b) Ensinar exige rigorosidade metódica. O ato de ensinar não pode ser feito de forma descuidada, sem métodos ou objetivos, ao contrário, deve ser feito com muito rigor, rigor científico, cuidado, pois o educador necessita de perseverança ao criar métodos para extrair e instigar o conhecimento em seus alunos.

c) Ao ensinar, o educador busca o novo, novas possibilidades e, por isso, necessita de rigor e de método. O educador não é aquele que fala bonito e nem aquele que faz o aluno memorizar textos, mas sim aquele que deixa transparecer ao educando que uma das bonitezas do mundo é estar nele (mundo) e com ele, é abrir um leque de novos conhecimentos, sem esquecer-se de manter vivos os conhecimentos antigos, porque o ato de aprender é constante. O ato de ensinar é mutável. *"Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã"* (FREIRE, 1997, p. 31).

d) Ensinar exige pesquisa. Enquanto o educador ensina, ele não está acabado em si, mas continua aprendendo, crescendo, buscando. A pesquisa é um processo inerente à vida do educador.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres encontra corpo um no outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1997, p.32).

e) Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. O educador não pode pressupor que detém o saber e que seus alunos não tenham sua própria história, seu próprio aprendizado, sua própria cultura. Ele precisa considerar este saber e mais do que isto, utilizar-se do saber do educando para ampliar e introduzir conceitos e conteúdos que se deseja ensinar.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina? [...] Porque não estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos? (FREIRE, 1997, p.34).

f) Ensinar exige criticidade. O educador, segundo Freire, deve desenvolver um olhar analítico sobre tudo. Esse olhar crítico não só registra o que aparece, mas sobretudo garimpa o que se esconde. O olhar crítico não se detém na configuração dos fatos, mas esmiúça as motivações. Não se detém na superfície, mas mergulha na profundidade, não se conforma com o estereótipo, mas busca a essência.

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil (FREIRE, 1997, p.36).

g) Ensinar exige estética e ética. Paulo Freire constantemente chama a atenção para a boniteza do ensinar, a boniteza de estar no mundo e poder nele interagir com os seres sociais que nos rodeiam, mas isso sendo feito com ética, pois, segundo ele, não dá para pensar em não formar o educando como um ser moral.

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (FREIRE, 1997, p.37).

h) Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo. Paulo Freire tinha a nítida consciência de que ensinar exige mais que palavras, ensinar exige exemplo. As palavras necessitam tomar corpo, criar vida, ser vista verdadeiramente na vida do educador. *“Quem pensa certo, está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem”* (FREIRE, 1997, p.38).

i) Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. O educador deve buscar o resgate da cidadania e a necessidade de inclusão em todos os sentidos. Conforme Freire (1995, p. 59):

[...] Uma sociedade desafiada pela globalização da economia, pela fome, pela pobreza, pelo tradicionalismo, pela modernidade e até pós-modernidade, pelo autoritarismo, pela democracia, pela violência, pela impunidade, pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança [...]. A conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa (FREIRE, 2002, p. 45).

j) Ensinar exige reflexão sobre essa prática. Ao refletir sobre a sua prática, o educador pode avaliar sobre os processos de aprendizagens, se estão sendo positivas ou negativas. Ele pode analisar e repensar sua prática metodológica para viabilizar o constante aprendizado, usando ferramentas indispensáveis para atualizar e refletir sobre as necessidades de seus alunos, trabalhar a realidade dos mesmos e levá-los a desenvolver o senso crítico não só em sala de aula, mas na comunidade na qual ele está inserido.

Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando

criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 1997, p.44).

Citaremos em seguida outros princípios para Freire:

- k) Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural;
- l) Ensinar não é transferir conhecimento;
- m) Ensinar exige consciência do inacabamento;
- n) Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado;
- o) Ensinar exige respeito à autonomia do ser educado;
- p) Ensinar exige bom senso;
- q) Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores;
- r) Ensinar exige apreensão da realidade;
- s) Ensinar exige alegria e esperança;
- t) Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível;
- u) Ensinar exige curiosidade;
- v) Ensinar é uma especificidade humana;
- w) Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade;
- x) Ensinar exige comprometimento;
- y) Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo;
- z) Ensinar exige liberdade e autoridade;
- aa) Ensinar exige tomada consciente de decisões;
- bb) Ensinar exige saber escutar;
- cc) Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica;
- dd) Ensinar exige disponibilidade para o diálogo;
- ee) Ensinar exige querer bem aos educandos.

O pensamento crítico de Freire, segundo Casali (2010), tinha uma perspectiva otimista acerca das condições de validação de conhecimento em ciências humanas. Apresentamos a síntese das competências que devem ser desenvolvidas pelo educador baseada em Paulo Freire:

- a) Não há docência sem discência;
- b) Ensinar exige rigorosidade metódica;
- c) Ensinar exige pesquisa;

- d) Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos;
- e) Ensinar exige criticidade;
- f) Ensinar exige estética e ética;
- g) Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo;
- h) Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;
- i) Ensinar exige reflexão sobre a prática;
- j) Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural;
- k) Ensinar não é transferir conhecimento;
- l) Ensinar exige consciência do inacabamento;
- m) Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado;
- n) Ensinar exige respeito a autonomia do ser educado;
- o) Ensinar exige bom senso;
- p) Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores;
- q) Ensinar exige apreensão da realidade;
- r) Ensinar exige alegria e esperança;
- s) Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível;
- t) Ensinar exige curiosidade;
- u) Ensinar é uma especificidade humana;
- v) Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade;
- w) Ensinar exige comprometimento;
- x) Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo;
- y) Ensinar exige liberdade e autoridade;
- z) Ensinar exige tomada consciente de decisões;
- aa) Ensinar exige saber escutar;
- bb) Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica;
- cc) Ensinar exige disponibilidade para o diálogo;
- dd) Ensinar exige querer bem aos educandos;

A formação do professor deve contextualizar as informações e os dados para que adquiram sentido, numa dimensão educativa que habilite o homem para viver a era planetária. Morin, em seu livro “Os Sete Saberes Necessários à Educação do

Futuro” (2003), identifica sete valores fundamentais com os quais toda a cultura e toda a sociedade deveriam trabalhar, de acordo com suas especificidades.

Esses valores são:

- as cegueiras paradigmáticas;
- o conhecimento pertinente;
- o ensino da condição humana;
- o ensino das incertezas;
- a identidade terrena;
- o ensino da compreensão humana;
- a ética do gênero humano.

Neste livro, Morin aborda problemas específicos de cada nível da educação. Para Morin, há uma impossibilidade de conceber sujeitos e objetos fora de seus contextos.

Concordamos com Consolo e Porto, quando afirmam:

Para Morin, falta a integração entre as disciplinas, de forma que elas caminhem sempre para a ética e, sobretudo, respeito ao planeta. Segundo o autor, se houvesse tal integração talvez também houvesse uma mudança de pensamento, uma transformação da visão fragmentada do mundo, a qual impede a visão da realidade e faz com que os problemas permaneçam invisíveis, sobretudo para os governantes. Ele não propõe uma destruição dos atuais programas de ensino, apenas sugere uma real integração entre as diferentes áreas, de forma que haja um objetivo comum para todos, o que segundo Morin seria a salvação da espécie humana (2011, p. 71).

Em sua teoria do pensamento complexo, conceitos importantes e importantes processos se perdem nas dobras na divisão e compartimentalização das disciplinas quando as fragmentamos, tornando impossível a compreensão do todo. Os saberes desunidos e divididos são inadequados às necessidades das realidades ou aos problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários que vivemos (MORIN, 2006).

Quando Morin fala da educação do futuro, ele coloca a necessidade de ela dominar a complexidade do global, de perceber que o todo é diferente da unidade isolada, ou seja, o todo possui qualidades que não são encontradas no isolamento e que ao serem separadas do todo se descaracterizam. Torna-se necessário na construção da educação do futuro recompor para conhecer. Portanto, para Morin, a complexidade é exatamente a união entre a unidade e a complexidade:

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega [...] a inteligência cega torna inconsciente e irresponsável (MORIN, 2006, p.43).

Só a teoria do pensamento complexo é capaz de reconhecer as incertezas do conhecimento, articular as informações, dizer que o conhecimento é incerto e que a humanidade:

Necessita civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas aptas a se auto reformar [...] necessitamos que se cristaliza e se enraíza um paradigma que permita o pensamento complexo [...]. Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo é necessário a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não, programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento (MORIN, 2006, pp.32,35).

Morin oferece em sua teoria uma proposta ética e política para a humanidade. Em sua visão, o docente deve ter uma grande possibilidade de atuação, que pode, em sua práxis pedagógica, interferir diretamente na formação do cidadão, despertando em seus alunos a consciência humana e solidária em relação não só ao próximo, como também com a natureza. Segundo Castilho:

Para Morin, o ser humano é ser complexo, é trazer em si as características genéticas da espécie humana, mas também a sua singularidade individual. A educação do futuro deve saber cuidar desse princípio de unidade e diversidade humana em todas as esferas? Individual, social e cultural. No séc. XXI, o ser humano deve ser visto em toda a sua complexidade bipolarizada e antagônica, isto é, sábio e louco, trabalhador e lúdico, empírico e imaginário, econômico e consumista, prosaico e poético (CASTILHO, 2009,p.18).

Para Morin, o destino planetário do gênero humano é ignorado pela educação. Para ele, a educação precisa ao mesmo tempo trabalhar a unidade da espécie humana de forma integrada com a ideia da diversidade. O princípio da unidade/diversidade deve estar presente em todas as esferas, sendo necessário educar a compreensão humana, combatendo o egocentrismo, o etnocentrismo e o sociocentrismo, que buscam posição elevada e colocam outros em posição subalterna.

Morin considera o educador como alguém que possa dar início a um movimento a que chama de reforma do pensamento. Através dessa reforma cabe a ele buscar a formação necessária a essa prática renovadora, partindo do estudo de novos tipos de ciência: ecologia, ciências da terra, cosmologia. Ele acredita que por meio da educação será capaz de reformular o pensamento e refletir conscientemente. Ele entende que é preciso compreender, enquanto ser terrestre e habitante de todo planetário, a necessidade e a urgência de solidarizar-se com o universo. Para Morin é missão da educação promover a inteligência geral dos indivíduos, propiciando a utilização dos saberes, visando um conhecimento mais amplo e complexo:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais viva durante a infância e adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular, caso esteja adormecida, de despertar (MORIN, 2000, p.39).

O pensamento de Morin diz que a realidade é coisa complexa, e complexo é aquilo que foi tecido junto para efeito cognitivo, inseparável. A complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade, condena a compartimentalização do saber.

Para ele, quando a educação se esculpe sobre partes cada vez menores específicas do todo, este todo passa a ser inatingível pela incapacidade gerada pela atrofia, com consequências desastrosas, como a coisificação do outro, hedonismo e egocentrismo, que fundamenta o eu absoluto em detrimento do vizinho.

A educação deve ser holística e promover a inteligência geral buscando sempre uma concepção global que fundamenta o pensar e o agir (MORIN, 2001, p.44). Este pensamento também está presente em Freire, mas cada um expressou de uma forma.

Morin assume o desafio de formular de modo sintético todas as questões que se acumulavam ao longo da história epistemológica. Ele elabora um conceito para isso: a realidade é complexa, e quando ele fala complexo, está inserindo todos os processos humanos e sociais. O movimento de Morin é do geral para o específico, do teórico para o prático. Freire parte do específico para o geral, a prática histórica é o que resolve a história. Edgard Morin afirma que a educação do séc.XXI

deve abandonar a concepção unilateral que define os seres humanos por sua racionalidade e abraçar a multidimensionalidade que caracteriza a humanidade. Devemos assim reaprender a ser, ou seja, construir solitária e solidariamente os conhecimentos que dão sentido e direção às nossas vidas e ao destino da humanidade. Segundo Venturella (2010), para Morin, o desenvolvimento de nossa espiritualidade se configura como uma maneira de caminharmos no sentido de autoconhecimento e da autocompreensão, que nos conduzirá ao conhecimento e à compreensão mais profunda dos outros e da realidade, requisitos para a transformação de nós mesmos e do mundo.

Morin também escreveu sobre a importância do trabalho. Ele desenvolveu duas perspectivas distintas, entretanto, nos deteremos na segunda que é a positiva. Morin afirma que o trabalho constitui um espaço e traz realização, crescimento pessoal, possibilita o desenvolvimento de potencialidades e de relacionamentos, além de permitir ao indivíduo construir sua própria identidade e marcar sua existência no mundo.

Morin, em sua teoria do pensamento complexo, destaca pontos cruciais para a práxis pedagógica do educador que sistematizaremos a seguir:

- a) O professor deve trabalhar para a humanização da humanidade;
- b) O professor deve trabalhar para desenvolver a ética da solidariedade, da compreensão, do respeito à diversidade individual;
- c) O professor deve promover a consciência antropológica;
- d) O professor deve desenvolver a consciência ecológica;
- e) O professor deve promover a consciência espiritual da condição humana;
- f) O professor deve desenvolver a inteligência geral com um trabalho pedagógico de conteúdos interdisciplinares, contextualizados e globalizados;
- g) O educador necessita desenvolver teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas e autocríticas;
- h) A formação e a autoformação do educador só faz sentido se fundamentada num propósito educacional;
- i) O professor precisa muito mais do que simplesmente dominar o conteúdo de sua disciplina, necessita estar preparado para compreender as

inúmeras amarrações que devem ser produzidas a fim de tecer a malha do tecido educacional;

j) A formação do professor deve contextualizar as informações e os dados para que adquiram sentido, numa dimensão educativa que habilite o homem para viver a era planetária.

Percebemos então que há princípios definidos e nítidos que regem o fazer do educador em sua prática, devendo este conhecê-las e dominá-las, favorecendo assim sua prática cotidiana em sala de aula. Vamos então tratar destes princípios que não podem faltar à prática docente.

Morin e Freire defendem que a educação deva ser reflexiva, ensinando a pensar certo, e este é um processo que está além daquilo que simplesmente percebemos na leitura que fazemos do mundo, do outro e de nós mesmos, implica estabelecer relações com o real, aquilo que podemos verificar, questionando-o e questionando-nos, ensinando a receptividade crítica e estar disposto a explorar o desconhecido, antes de considerá-lo.

Freire e Morin trataram igualmente do tema relacionamento entre professor e aluno: *“compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre subjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”* (MORIN, 1999, p.95).

Para Freire:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a possibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro (FREIRE, 1997, p.119).

1.5. Primeiras considerações

Além dessas competências apresentadas pelos autores como necessárias ao educador, ainda apresentamos como necessárias ao desenvolvimento de uma vida de exemplo e vida para o educador como algo básico e inerente para a prática de sua ação: o educador deve entender que sua vida está entremeada com seu trabalho, suas ações, gestos, palavras, modo como reage diante de conflitos. Seu caráter ensina mais que suas palavras.

Além dessas competências apresentadas pelos autores, ainda apresentamos como necessárias á prática docente, o desenvolvimento de uma vida de exemplo como algo básico e inerente para a prática de sua ação: o educador deve entender que sua vida está entremeada com seu trabalho, suas ações, gestos, palavras, modo como reage diante de conflitos. Nas palavras de White, o educador deve ensinar por preceito e exemplo. Nas palavras de Freire, não se pode ensinar sem que o educador dê corporeidade às suas palavras.

Outro fator de extrema importância é a questão da autoridade do educador, que segundo White deve ser mantida com muito zelo e atenção. Neste sentido e, segundo Paulo Freire, a autoridade está atrelada às suas competências e eticidade.

White, Freire e Morin, falam num novo mundo recriado com base no amor, mas, colocando em contextos diferentes. Eles creem que a educação deve ser o meio para desenvolver nos alunos suas potencialidades, respeitando seus saberes, suas histórias, suas culturas. Freire fala de ensinar apensar certo. Morin fala de uma reforma no pensamento e White de restaurar no homem a imagem de Deus.

O novo papel do educador no contexto desses autores será muito mais abrangente, sendo necessário ampliar seu raio de atuação e visão de mundo, ensinando o homem sua humanidade, gerando em seus alunos solidariedade e compreensão e preparando-os para servirem a sociedade. É preciso respeitar as diferenças, a diversidades socioculturais, tendo consciência da terra e da realidade que os rodeia, levando em consideração seu papel na sociedade.

O educador deve não somente ter sabedoria ou ensinar aquilo que está nos livros e no currículo, mas ensinar a ler o mundo, a compreender a realidade em volta e a entender que estão inseridos na história não somente como espectadores, mas como aqueles que podem contribuir para com a transformação da sociedade em que estão inseridos.

Para promover a formação contínua, o educador, busca ser um pesquisador, reflexivo. Outro fator preponderante para o educador é seu papel frente à educação popular, que é uma educação comprometida e participativa, orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Sua principal característica é utilizar o saber da comunidade como matéria prima para seu desenvolvimento. É aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas geradores do cotidiano, vendo e envolvendo-se em uma

educação sociocomunitária. O educador necessita ter uma percepção política mais global para poder colocar um novo significado em sua ação, fazendo um trabalho educativo voltado para o questionamento, levando a uma reflexão sobre as realidades vividas pelos educandos e suas formas de alterá-las. Embora cada um tenha mantido foco diferente, encontramos em seus pensamentos linhas que se coadunam: os três vêm a educação de forma holística, devendo desenvolver no homem mais do que crescimento cognitivo, mas envolvendo todo o ser do educando. White vê na educação cristã a forma de poder transformar o homem de forma total, completa, ou seja, holística. Ela tem a bíblia como referencial. Já para Freire, sua concepção de pedagogia era progressista, libertária, pregava um projeto político que visava romper com as conservas sociais e com as múltiplas formas de opressão. Morin cria sua teoria da complexidade formulando de um modo sintético todas as questões de epistemologia que estavam pendentes ao longo do tempo. Para ele, o mais importante era manter a visão do geral. Pois quando o saber se fragmenta, perde partes importantes nas dobras, impedindo o conhecimento do todo.

Nas palavras de White, o educador deve ensinar por preceito e exemplo. Nas palavras de Freire, não se pode ensinar a quem o educador deva dar corporeidade às suas palavras.

Outro fator de extrema importância é a questão da autoridade do educador, que segundo White deve ser mantida com muito zelo e atenção e segundo Paulo Freire estão atreladas às suas competências e eticidade.

White, Freire e Morin, falam num novo mundo recriado com base no amor, mas, colocando em contextos diferentes. Eles crêem que a educação deva ser o meio para desenvolver nos alunos suas potencialidades, respeitando seus saberes, suas histórias, suas culturas. Freire fala de ensinar a pensar certo. Morin fala de uma reforma no pensamento e White de restaurar no homem à imagem de Deus.

O novo papel do educador no contexto desses autores será muito mais abrangente, sendo necessário ampliar seu raio de atuação e visão de mundo, ensinando ao homem sua humanidade, gerando em seus alunos solidariedade e compreensão e preparando-os para servirem a sociedade. É preciso respeitar as diferenças, a diversidades socioculturais, tendo consciência da terra e da realidade que os rodeia, levando em consideração seu papel na sociedade.

O educador deve não somente ter sabedoria ou ensinar aquilo que está nos livros e no currículo, mas deve ensinar a ler o mundo, a compreender a realidade em volta e a entender que estão inseridos na história não somente como espectadores, mas como aqueles que podem contribuir para com a transformação da sociedade em que estão incluídos.

De acordo com o acima exposto, há muitos pontos semelhantes no pensamento pedagógico de Ellen White, Edgard Morin e Paulo Freire, apesar da distância de tempo e cultura vividos entre esses autores. É claro que este assunto não se esgota aqui, ainda há muito por analisar e comparar, descobrindo novas possibilidades, o que fica como proposta para um próximo estudo mais aprofundado.

CAPÍTULO 2

2.1. Algumas Propostas para o Educador

2.1.1. O Educador como exemplo

O educador deve ter consciência da sua influência junto ao aluno. Tudo o que ele faz, cada gesto, tom de voz, maneira de ser, olhar ou gesto de desatenção, afeta diretamente seus alunos. A figura do educador sempre ocupou um papel central na educação. Por isso, torna-se necessário estudar e conhecer um pouco mais sobre o discurso, a vida e a formação do professor. Este profissional não pode perder de vista a sua postura, personalidade, comportamento, pois esses fatores influenciam o aluno tanto quanto ou mais que suas palavras.

Segundo Morales:

O que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, o mais importante e o mais permanente, no processo de ensino-aprendizagem, e isso por sua vez depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos (2003, p. 15).

O professor mais que qualquer outro profissional tem sua vida entrelaçada com sua profissão e, isso nos faz pensar que não se está professor, se é professor. Teoria e prática são questões extremamente pertinentes à formação do professor.

Tapia nos diz que:

Conscientemente ou não, o professor transmite valores e atitudes: sua maneira de ser, de raciocinar, sua forma de apresentar os problemas, seus critérios para solucionar os conflitos que se apresentam, sua maneira de viver (2001, p. 107).

Os professores têm enorme responsabilidade sobre seus gestos e atitudes, cujas características são cuidadosamente apreendidas pelos alunos. É difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida, pois cada ser humano é fruto do processo desencadeado ao longo da vida. Portanto, a prática docente também é um processo que necessitar pensar e unir o teórico ao prático, não havendo nenhuma segregação entre o trabalho manual e intelectual.

White afirma que:

Os hábitos e princípios de um professor devem ser considerados ainda de maior importância que suas qualificações acadêmicas. Se ele é um cristão sincero, sentirá a necessidade de manter igual interesse na educação física, moral e espiritual de seus alunos. A fim de exercer a devida influência, o professor deve ter perfeito domínio sobre si mesmo, e seu próprio coração deve estar cheio de amor para com os alunos - amor que se manifestará em suas expressões, nas palavras e nos atos. Ele precisa ter firmeza de caráter, e então poderá moldar a mente dos alunos, da mesma maneira que os instrui nas ciências [...], os que lidam com os jovens devem ser muito cuidadosos em despertar as qualidades mentais, a fim de melhor saberem como lhes dirigir as faculdades para serem exercitadas de maneira mais proveitosa (2008, p. 12).

Paviani (1987) questiona o comportamento ético do professor em relação a alguns aspectos. Ele afirma que o professor continua ensinando normas e preceitos, ao invés de práticas. A contradição entre o dizer como se deve fazer e o exemplo concreto do agir do professor falsifica aquilo que ele pretende ensinar. Desse modo, pode-se questionar, por exemplo, o sentido ético da punição adotada ainda hoje por muitos professores.

Não adianta pregar certas ideias e virtudes, defender a autonomia e a dignidade do aluno se o professor, em sua sala de aula, defende e aplica o castigo aos seus alunos. Tais castigos, embora não sejam mais corporais como antes, ocorrem por meio da ameaça e de outras estratégias punitivas que visam controlar o grau de obediência do estudante. Não adianta ao professor defender a educação como um processo de comunicação, de diálogo, de busca, de troca e de encontro se ele é um monopolizador da verdade e do conhecimento, não permitindo a reciprocidade no ato da comunicação. O comportamento ético do professor implica na coerência de sua práxis pedagógica, isto é, se seu discurso (teoria) gira em torno de uma educação voltada para a autonomia do sujeito. A maneira como conduz o ato pedagógico em sala de aula (prática) deve ser uma extensão desse discurso.

Diz Paulo Freire:

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acha em formação para exercê-la. Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente

aos interesses do lucro [...] Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo do discurso citado acima, que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe (2006, p.15).

Uma prática docente voltada para a autonomia do sujeito deve ocupar-se em desenvolver no aluno a capacidade de situar-se criticamente diante dos valores que lhe são apresentados, das regras a serem observadas, percebendo que apesar de ser um ser condicionado por situações concretas e existenciais é capaz de superar a si mesmo e a essas situações. Trata-se, pois, de uma prática docente que respeita a liberdade do aluno na exposição de suas ideias e opiniões, na expressão de sua curiosidade, ensejando *“uma educação para a liberdade e por meio dela, a fim de não se tornar adestramento ou doutrinação”*, conforme lembra Aranha (1989).

Autonomia significa, etimologicamente, governo ou lei de si mesmo. Mas, como bem adverte Aranha (1989), autonomia não deve ser confundida com individualismo, pois, o sujeito, como ser moral, supõe a responsabilidade (responde por seus atos) e a reciprocidade (toda ação é intersubjetiva). Por isso, a construção da autonomia passa por um processo de superação da heteronomia (governo ou lei de outrem), do egoísmo e do comodismo.

Um sujeito autônomo é, assim, um sujeito autodeterminado, que observa as regras inerentes à convivência social, não por imposição, mas por necessidade interna de agir moralmente, conscientemente, de acordo com os ideais democráticos de respeito mútuo e reciprocidade (ARAÚJO, 1997).

Agir moralmente significa ser capaz de agir por si próprio, discernindo racionalmente o que é certo e o que é errado. Considerar as regras sociais, nesse caso, é uma atitude coerente com a moralidade, provém da consciência do sujeito, e não da imposição de outros. Nisso consiste a autonomia moral do sujeito. Na sala de aula, a construção da autonomia moral e intelectual não deve ser coibida, mas propiciada pela relação professor-aluno.

Os processos de transmissão dos conhecimentos, valores, atitudes e comportamentos passam pela apropriação do como se realiza o trabalho. Não é o que se faz, mas como e com que meios de trabalho se faz. Ao isolar teoria da prática, a capacidade de pensar sobre a ação pedagógica fica abalada.

Outra questão a se pensar no trabalho do professor é sobre a reflexão-ação. O professor é um profissional reflexivo, pois nunca se satisfaz com sua prática, jamais a julga perfeita, concluída, sem possibilidade de aprimoramento.

Está sempre em contato com outros profissionais, lê, observa, analisa para atender sempre melhor ao aluno, sujeito e objeto de sua ação docente. Para Freire (1996, p. 44) o momento fundamental na formação permanente dos professores é o da reflexão crítica sobre a prática. *“É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”*. O professor deve ter um relacionamento com seu aluno baseado na reflexão: O que faço, o que digo, tem ressonância, significado, importância para o aluno? *“Refletir sobre o próprio ensino exige espírito aberto, responsabilidade e sinceridade”*.

O professor precisa refletir sobre suas experiências e saberes. Muitos pensam na formação continuada e em cursos de capacitação para realizar essa prática porque o homem é, segundo Freire, inacabado, inconcluso e deve ser consciente de sua inconclusão:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política, ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, na finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundem aí (1997, p. 20).

O ensino diferenciado deveria partir da construção, ação-reflexão-ação do próprio educador. Isso implica um processo de pensar, ou seja, fazer uma reflexão na ação, permitindo a reorientação da ação no mesmo momento em que a está vivendo.

Freire explica e sistematiza o conceito de reflexão:

O que teríamos que fazer, então, seria como diz Paul Legrand, ajudar o homem a organizar reflexivamente o pensamento. Colocar como diz Legrand, um novo termo entre o compreender e o atuar: o pensar (1984, pp. 67-68).

Outro momento desse processo é a reflexão na ação. O profissional busca a compreensão da ação, elabora sua interpretação e tem condições de criar alternativas para aquela situação. Os autores afirmam que os professores são o centro de toda atividade da sala de aula, pois são eles que controlam e são responsáveis por tudo o que acontece aos seus alunos, devendo assim atender às muitas necessidades à medida que aparecem ao longo do dia, trazendo benefícios educacionais à todos sob a sua supervisão. Portanto, é necessário que o professor possua, além de desejo, muitos outros requisitos que serão de grande aproveitamento para seu bom desempenho como professor.

É necessário que o professor, e em particular os que lidam com crianças e jovens, tenham vigor físico, bom entendimento do desenvolvimento humano, respeito pela personalidade e espírito científico, paciência, maturidade emocional, energia, calor humano e engenhosidade, além de flexibilidade e habilidade de alegrar e incentivar as crianças. Entretanto, essas qualidades não podem ser ensinadas em um programa de formação de professor, a grande maioria delas faz parte de aptidões inerentes e inatas. Mas há competências que podem ser aprendidas, pois são aptidões e posturas que tornarão o professor sabendo o que deve fazer e o que deve saber.

Todos os que lidam com crianças pequenas devem ter conhecimentos básicos de saúde e segurança, pois as crianças precisam ser mantidas saudáveis e íntegras. Além da necessidade de ter técnicas de apresentação de atividades, planejamento e condução dessas atividades educativas, é necessário ter técnicas de manejo em grupo para que possam estabelecer regras para a sala de aula e saber como lidar com crianças indisciplinadas, influenciando-as, sem ser punitivo. Devem ter conhecimentos gerais e estarem bem fundamentados em áreas amplas de conhecimento.

O educador deve ter a formação superior necessária que o capacite para desempenhar com eficiência e eficácia sua profissão, detendo todas as ferramentas necessárias para o exercício da sua profissão, pois estão envolvidos em todas as situações.

O educador necessita ter um papel afetivo, instrucional e relacional, devendo diagnosticar as necessidades das crianças, montar currículos adequados às capacidades delas, aconselhar, saber tomar decisões, algumas de ordem

instantâneas, outras planejadas, reflexivas e selecionadas. Espera-se do professor, assim como de tantas outras profissões, mas de um modo particular dos que lidam com crianças, que desempenhem uma postura ética, tenham conhecimentos e habilidades que possam garantir a qualidade do ensino, estabelecendo padrões de contínuo desenvolvimento profissional, trazendo assim benefícios para todas as crianças que estão sob a orientação desse professor.

Há alguns problemas enfrentados no dia a dia, às vezes sonha-se com uma coisa que parece ser quase impossível, com uma escola ideal, alunos lindos e inteligentes, harmonia e aprendizado dentro do contexto perfeito de uma rotina escolar, mas a realidade é totalmente diferente.

As dificuldades não devem impedir a vontade de progredir na motivação dos alunos pelo assunto proposto.

O significado literário de motivação é motivo de uma ação, o que nos impulsiona e nos entusiasma. Quando o aluno demonstra vontade de aprender, uma grande motivação é transmitida ao professor, momento este, em que o aluno passa a agir em sintonia com o discente, tendo como resultado, o aprendizado.

A motivação do educador deve vir de dentro, não adianta ele apresentar vários tipos de materiais que aparentemente chamarão atenção se o aluno não sentir tal motivação. O papel do professor para desenvolver um bom trabalho é a divisão de experiências e descobertas realizadas pelo grupo e, isso só acontece se houver motivação. Cabe ao educador observar com cuidado e carinho e assim descobrir como despertar curiosidades, interesses bem como a forma que cada um aprende, que o raciocínio progride e em que “ponto” está o desenvolvimento. Desta forma, ambos caminharão e se aprofundarão juntos na busca de novos conhecimentos, com melhores condições de favorecer a aprendizagem, e com a oportunidade de entender como ajustar as atividades às características evolutivas dos processos de desenvolvimento do estudante.

Sem dúvida alguma o professor tem papel fundamental como eixo da motivação e impulsionador do aprendizado do estudante. A motivação passa a ser completa quando se torna significativa, sendo que a relação afetiva entre o professor e aluno é essencial para um bom desempenho.

Sintetizando, todo professor deve descobrir estratégias para conduzir a rota da motivação tanto no relacionamento afetivo quanto no sistema de ensino-

aprendizagem, transformando cada aula em uma experiência única e prazerosa, estabelecendo limites, respeitando e fazendo-se respeitar.

O professor que pesquisa tem condições de aperfeiçoar suas teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto de aprendizagem, interagindo com aluno. Outros aspectos que o professor trabalha são:

- a. Focaliza a dimensão de continuidade e descontinuidade entre o lar e a escola na vida das crianças, dando atenção especial aos processos interacionais em sala de aula;
- b. Ajuda o aluno a atingir a compreensão conceitual;
- c. Investiga seu próprio trabalho, visando identificar a melhor forma de discorrer sobre um determinado assunto;
- d. Troca experiências com outros professores;
- e. Analisa sobre sua prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências.

O professor passa então, a compreender melhor a teoria prática, resultando em processo de ação-reflexão-ação.

Neste sentido e, no decorrer da história, houve distintas ideologias referentes à função e formação do professor. São elas:

- a. A perspectiva tradicional, que concebe o ensino como uma atividade artesanal, e o professor como um artesão;
- b. A perspectiva técnica, que concebe o ensino como uma ciência aplicada e o docente como um técnico;
- c. A perspectiva radical, que concebe o ensino como uma atividade crítica e o docente como um profissional autônomo que investiga refletindo sobre sua prática.

O professor é o exemplo de sua prática, ele deve saber que toda ação, postura, gestos, fala, maneira de agir e lidar com seus alunos vai ensinar muito mais que suas palavras. Se ele deseja alunos curiosos, pesquisadores, dispostos a ir além do currículo, ele deve ser esse educador pesquisador, despertando em seus alunos o desejo de descobrir. Se ele deseja alunos respeitosos, ele deve ser o primeiro a praticar o respeito em sala de aula.

Se desejar alunos que respeitem a individualidade e diferenças de cada um, sendo a prática da inclusão uma realidade em sua sala de aula, ele deve ser o primeiro a respeitar e promover este comportamento, jamais aceitando qualquer tipo de rejeição ou *bullying*. Ao tratar com as limitações dos alunos, deve fazê-lo com respeito, jamais constrangendo ou expondo.

A questão ética em sala de aula deve ser altamente levada em conta e praticada, sabendo que sua postura pode influenciar positivamente seu aluno para o resto da vida ou arruinar a vida dele, tornando tudo mais difícil.

Por tudo isto, se torna relevante considerar os conselhos de White e Freire para que o professor seja um ensinador por preceitos e exemplos, dando corporeidade às suas palavras, vivendo-as a cada instante em seu dia a dia profissional.

Reconhecemos o quanto o papel do educador é de extrema relevância e como este profissional precisa constantemente se autoavaliar, buscando aperfeiçoar seu próprio caráter, postura e ação. Concordamos inteiramente com Paulo Freire quando afirma que não se faz um educador de repente, numa certa terça-feira, mas este educador é construído e reconstruído diariamente em sua própria prática, avaliando suas próprias experiências, submetendo todo o seu ser, temperamento, atitudes, ações e sabendo que o material de trabalho em suas mãos é nada menos que uma vida.

2.2. Relação professor-aluno

No campo da Neurologia e da Neuropsicologia apresentou-se nos últimos anos uma nova visão sobre a problemática dos sentimentos. Foram feitas muitas pesquisas mostrando a importância da afetividade para o comportamento humano cada vez mais destacando uma forma de ser humano como um ser integral, em que não se dicotomiza este homem, pois, cada uma dessas dimensões se entrelaça e se completa, sendo difícil determinar onde é somente uma ou outra.

Pensar e sentir são ações inseparáveis, o ser humano age como um todo.

Lima nos diz que:

A visão cartesiana de homem, construída a *priori* e exterior à inserção sociocultural e relacional que constitui e demarca a singularidade de um sujeito, não colabora com os propósitos e a compreensão do desenvolvimento humano. Tal paradigma é

apriorístico, por construir-se a partir de uma lógica da exterioridade. Ele transforma o sujeito em objeto. Preconcebendo-o, dicotomiza a relação entre sujeito-objeto, mediando por meio de categorias. Assim, o sujeito é coisificado e classificado como objeto (2009, p.2).

Trazer uma definição de afetividade é uma das dificuldades existentes relacionadas a este tema pois segundo Scherer (2005, p. 44) *“até 1981 havia mais de cem definições listadas por Kleinginna e Kleinginna”*.

A palavra afeto vem do latim “affectur” (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. Engelmann (1978, p. 23) relata que a primeira palavra utilizada para descrever o termo afetividade em português foi paixão, a qual ao longo dos anos foi sofrendo transformações semânticas.

De acordo com o Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade caracteriza um conjunto de fenômenos psíquicos em que se manifestam sentimentos e paixões, e que, acompanhados, sempre dá impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Almeida (2002), conceituando afetividade, nos diz que a afetividade é impulsionada pela expressão dos sentimentos, das emoções, e desenvolve-se por meio da formação do sujeito. A palavra afetividade tem um amplo significado, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Damásio chega à seguinte definição:

Um sentimento é uma percepção de um estado do corpo acompanhado pela percepção de pensamentos, com certos temas e pela percepção de certo modo de pensar. Todo esse conjunto perceptivo se refere à causa que lhe deu origem. Os sentimentos emergem quando a acumulação dos detalhes mapeados atinge um determinado nível (2004, p. 91).

Pensando em afetividade, podemos defini-la de acordo com Ferreira (1996), um *“conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”*.

Já Pino define assim a afetividade:

Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam [...]. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu

contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo (2005, p. 128).

O afeto é a parte de nosso ser, tudo fica intrínseco pela maneira de sentir e perceber a realidade. O existir humano é um viver em coletividade. Quando o homem está fora deste padrão imposto pela sociedade, ele sofre suas penalidades. A afetividade é a forma que, direta ou indiretamente, nos influencia em relação a tudo que vivemos. Tudo que vivenciamos e sentimos, seja agradável, prazeroso, sofrível, angustiante, amedrontador, gera pânico ou nos dá satisfação, faz parte da afetividade. Brandão (2002, p.9), diz que *“o saber é o que somos. Somos o saber que criamos e somos a experiência de partilharmos o saber a cada momento de nossas vidas”*. O modo de se ver e ver o outro ultrapassa a racionalidade de conceber os seres e os saberes, pois como nos contam Davis e Oliveira:

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções de outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como uma energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade (1994, pp. 83-84).

Para Moreno (1975, p. 84) *“o homem é muito mais que percepções, atos registros, relações, memórias, estados internos, e que é capaz de amar, de imaginar, de criar”*. É exatamente nessa oportunidade de vivenciar experiências diversas que o homem desenvolve sua capacidade criadora, estruturando assim sua identidade, recriando-se em cada ato, integrando-se, compondo-se e utilizando-se das emoções como expressão maior deste construir contínuo.

Moreno descreve como uma das maiores necessidades do homem o sentir-se pertencente, construindo assim sua identidade social, seu lócus. O sentimento de pertencimento e de construção social é algo latente, e este sentimento é a base da construção da identidade.

Os três referenciais teóricos que surgem como base para as pesquisas sobre esse assunto são Vygotsky, Wallon e Piaget.

Segundo Vygotsky:

A separação do intelecto e do afetivo, enquanto objeto de estudo, é uma das principais deficiências da Psicologia Tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como fluxo autônomo de “pensamentos que pensam a si próprios”, dissociados da plenitude da vida, das necessidades dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa (RATNER, 1995, p. 76).

Vygotsky defende a tese de que, independente da cultura, a afetividade promove o desenvolvimento psicossocial do homem norteando toda a sua vida. Esta tese também de uma forma ou outra é defendida por Wallon e Jean Piaget.

Piaget (1896-1980), em um trabalho publicado de 1953-1954, nos advertiu sobre o fato de que a afetividade e a cognição são inseparáveis, não dissociadas em todas as ações simbólicas e sensorio-motoras. Ele concluiu que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. De acordo com ele, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos. Piaget dá ênfase às influências e determinações da interação social no desenvolvimento da inteligência.

Henri Wallon (1879-1962) concebe as emoções como um fenômeno psíquico e social, além de orgânico. Inteligência e afetividade estão integradas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. A área educacional não fica de fora dessas pesquisas, trazendo para o cenário das discussões não somente a questão do currículo já tão massivamente pesquisado, mas também o modo de como apresentar a atuação, o dia a dia do professor e sua convivência com os alunos, devendo assim estabelecer um elo de ligação emocional.

Segundo Marcelo Cunha Bueno:

É muito melhor aprender e ensinar quando existe afeto envolvido. Afeto não é apenas beijinhos, palavras melosas. Afeto é afetar. É o compromisso de transformar o outro. O coletivo. É desafiar, abrir caminhos. É dar as mãos, é generosidade. Não se educa sem generosidade. A escolha por ser professor deve passar por essa reflexão. Serei capaz de me entregar com afeto à minha profissão? Serei capaz de afetar o outro de forma a transformar a sua vida? Somos marcados por mapas afetivos para sempre! Escuto muitas pessoas dizendo que escolheram as suas profissões por conta de um professor específico. Por quê? Pela forma como esse professor

afetou você pelo conhecimento. O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio, na forma como esse avalia. Aprendi que de nada vale estar em uma superescola, com um supermaterial, num superespaço, numa superlinha pedagógica se não há seres capazes de afetar e dispostos a serem afetados pelos outros! Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. É ele que vai além de toda a tecnologia pedagógica atual (2011).

Em sua prática docente, o professor precisa compreender a importância e o papel da afetividade com seus alunos, pois segundo White (2008, p. 121), *“cooperando com os jovens, os professores podem ligar o coração dos estudantes a eles pelos laços da simpatia e do amor fraternal”*. O professor é o grande agente do processo educacional.

Reafirmando a dimensão afetiva que Freire nos coloca:

A solidariedade social e política de que precisamos para construir uma sociedade menos feia e arestosa em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado. Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor (1997,47).

Segundo Ranghetti:

Sentir e viver a afetividade na educação [...] suscita que nosso eu adentre a sala de aula, inteiro, para desvelar, descobrir e sentir as manifestações presentes nas interações, relações e reações que os sujeitos estabelecem, manifesta na ação de educar. É ampliar o olhar e a escuta na tentativa de captar da expressão, comunicação destes seres o revelar do seu eu, sua inquietude, dificuldade e possibilidade que expressa na ação de aprender e de ensinar. Uma ação consciente, partilhada e envolvente, visto que os sujeitos devem se apresentar inteiros para que esta ação seja significativa e com sentido à sua existência (2002, p. 87).

Aluno e professor devem ter um relacionamento baseado na reflexão: o que faço, o que digo tem ressonância, significado, importância para o aluno? Refletir sobre o próprio ensino exige espírito aberto, responsabilidade e sinceridade.

Concordamos com Jardim quando nos diz que:

A educação pode se fundamentar e planejar suas práticas educativas com o propósito da realização humana em nome de uma

racionalidade libertadora, fazendo-nos concluir que as práticas pedagógicas tiveram e tem uma importância essencial na fabricação ativa dos sujeitos que estavam e estão inseridos nos aparatos pedagógicos da subjetivação, que se tornaram dispositivos visuais de esquadramento e poder (2006, p. 104).

E é nesse contexto que a relação professor aluno precisa explorar a afetividade, dentro da sala de aula, as diferenças, as relações sociais, as hierarquias e as disputas pela identidade social podem ser suavizadas, ou até mesmo bem resolvidas. Moreno nos alerta que, para que o homem possa ser espontâneo e criativo, operando sua construção, é necessário libertar-se das conservas culturais, que impõem e dominam, roubando a sua potencialidade.

Quando a relação de afetividade dentro de sala é desenvolvida, há a possibilidade de se compartilhar anseios, sonhos, problemas, apoiando-se.

Concordamos com Goleman quando nos diz que ao termos o estabelecimento da afetividade em sala de aula:

Maior capacidade de entender as causas dos sentimentos; diferenciação de sentimentos e atos; melhor tolerância à frustração e controle da raiva; menos ofensas verbais, brigas e perturbação na sala de aula; menos suspensões e expulsões; menos comportamento agressivo ou autodestrutivo; mais sentimentos positivos sobre si mesmo, a escola e a família; melhor no lidar com a tensão; menos solidão e ansiedade social; maior comunicabilidade; maior capacidade de se concentrar na tarefa imediata e prestar atenção; menor impulsividade, mais autocontrole; melhores notas nas provas; maior capacidade de adotar a perspectiva do outro; melhor empatia e sensibilidade em relação aos sentimentos dos outros; melhor no ouvir os outros; maior capacidade de analisar e compreender relacionamentos; melhor na solução de conflitos e negociação de desacordos; maior partilhamento, cooperação e prestatividade (1995, p.135).

O ser humano é caracterizado pelo desejo e sentimento de pertença vivenciado em todas as associações e agrupamentos pelo afeto. Criar o sentimento de pertencimento é o grande desafio dos professores. Para que uma pessoa sintase pertencente a um determinado grupo, ela precisa de um ambiente propício para que possa ser estimulada a criar e inovar, que tenha responsabilidades e onde o relacionamento entre as pessoas seja baseado na confiança e no respeito. Qualquer grupo de pessoas que se juntam, quer por motivos afetivos, ou não, necessita atender as necessidades afetivas. De outra forma, estará fadado ao fracasso.

Por tudo isso, Moreno vê o homem como um ser individual e relacional, concebendo assim sua teoria de socionomia. Ele nos diz:

Minha teoria foi apoiada pelo fato de que, quando as pessoas puderam viver com aquelas por quem estavam positivamente atraídas, tendiam a ser cooperativas entre si e os sinais de desajustamento diminuíram tanto em número como em intensidade (1997, p. 81).

Quando o professor consegue estabelecer a ponte entre ele e seu aluno, ganhando seu respeito e simpatia, torna muito mais fácil o ambiente em sala de aula, vencendo as dificuldades, as crises, promovendo um espírito de troca e de interação entre aluno e professor.

Para isso necessitamos nos afastar do modelo instaurado e perpetuado por tantos anos de um educador autoritário, ditador, detentor do conhecimento, sem se importar com os sentimentos, tempo, história e realidade do aluno, fazendo deste, somente um receptáculo de conteúdo.

Como nos diz Jardim:

A educação, em sua forma visível escolar, possui uma racionalidade e ajusta em seu espaço cada indivíduo para melhor dominar seu tempo, seu corpo, seus afetos, através dos dispositivos pedagógicos: divisão por classes, séries, avaliações e exames, estabelecendo padrões e normas pela vigilância, constatada aprovação ou da reprovação (2006, p. 104).

Mas qual o processo a percorrer nesta caminhada? Como nos afastar deste modelo sem perder a essência e o objetivo?

Uma maneira de semear para colher no campo da afetividade é o professor investir na área da recreação.

A recreação contribui muito para elevação da autoestima do aluno bem como do professor, pois consiste em dar-se por inteiro a atividades impostas ou não, um meio para o desenvolvimento bio-psico-socio-espiritual do homem. Quando o professor propõe atividades prazerosas com os alunos, ele está trazendo a integração entre ele e a classe, podendo assim, promover e estabelecer pontes para futuros diálogos e observações que favoreçam a afetividade. Segundo Mantoan (2003, p. 24.), *“o objetivo da integração é inserir um aluno, ou um grupo de alunos, que já foi anteriormente excluído, e o mote da inclusão, ao contrário, é o de não deixar ninguém no exterior”*.

O professor deve impor limites, mas ao mesmo tempo ajudando cada um resolver seus problemas e conflitos, deve observar e ter a sensibilidade de identificar as necessidades e desta forma então, a afetividade poderá ser uma arma eficaz em sala de aula favorecendo o processo de aprendizagem.

Referenciando Fernández:

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar (1991, pp. 47 e 52).

Antes de tentar ensinar algo, o professor deve conquistar a confiança, o respeito, estabelecendo assim vínculos afetivos com seus alunos, se assim não o fizerem, o trabalho docente será árduo e penoso para ambos. Há que se derrubar primeiramente a barreira que separa professor e aluno, o afeto motiva o comportamento e os levará a uma melhor aprendizagem.

Pereira e Gonçalves falam da importância de um professor afetivamente envolvido com seu aluno:

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente. Além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno. O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização (2010, p.14).

O processo de aprendizagem pode ser beneficiado quando professor e aluno buscam conhecimento mútuo de suas necessidades, tendo consciência de sua forma de relacionar-se, respeitando as diferenças.

Segundo Morales (1998, p. 61), *“a conduta do professor influencia completamente sobre a motivação, afetividade e a dedicação do aluno ao aprendizado”*. Podemos reafirmar que o aluno se vê influenciado por sua percepção em relação ao professor. O professor deve sempre reforçar a autoconfiança dos alunos, mantendo sempre uma atitude de cordialidade e de respeito.

Ainda que Ellen White não use o termo afetividade em seus escritos educacionais, eles estão completamente permeados por este conceito, o que nos mostra como sua mente e sua filosofia educacional era além do seu tempo, pois ela

viveu nos anos de uma escola austera, fria em que professor se utilizava do castigo corporal para impor sua vontade e aterrorizar a vida de seus alunos.

Ellen White via os relacionamentos como algo extremamente sério, em que cada pessoa deveria aproveitar para mostrar em seus relacionamentos, o amor e a bondade. Ela conhecia bem e valorizava a necessidade de sentir-se aceito. O sentimento do pertencimento em seus escritos é extremamente forte. Em diversas cartas e escritos ela narra sobre essa necessidade, pois viveu em sua infância um triste fato que lhe trouxe dor e consequências durante vários anos, fazendo-a sentir-se rejeitada.

Segundo Douglass, (2003, p.45), White, aos nove anos de idade ao retornar para casa depois das aulas, foi agredida por uma colega do colégio que era quatro anos mais velha, a qual jogou-lhe uma pedra que veio a acertar o seu nariz em cheio, fato que causou seu desmaio. Este acidente a deixou inconsciente por três semanas. Essa pedrada além de trazer-lhe graves consequências para sua saúde, lhe desfigurou o rosto, o que lhe trouxe profunda tristeza.

Depois deste episódio, White escreveu:

Todavia, enquanto lutava e resistia contra a morte física, outra morte não pôde ser evitada, quando nos momentos de recuperação voltava a brincar com minhas amiguinhas, fui forçada a aprender a amarga lição de que nossa aparência pessoal influencia no tratamento que recebemos de nossos companheiros (1994, p.18).

Seu maior sofrimento, contudo, não era a dor física, mas a dor da rejeição, essa dor que muitas vezes não encontra remédio e que dói mais que qualquer mal físico. Concordamos com Silva, quando diz:

O ser humano necessita, para viver, de outros seres humanos. Não apenas na dimensão biológica, mas igualmente na dimensão chamada cultural, que é precisamente a esfera a qual se constitui o significado. A visão de mundo – a forma de compreender a realidade - é constituída e mantida por uma contínua e, por vezes, imperceptível troca cotidiana que uma pessoa realiza com outra ou outras que lhe são referência. Os julgamentos sobre si própria, sobre os outros, sobre a realidade e, portanto, sobre o trabalho, são influenciados pelas observações das pessoas com as quais interage. O sentimento de pertencimento é a maior razão pela qual se formam grupos, comunidades, sociedades. Todas as pessoas, através da identificação sentem a necessidade de fazer parte, de pertencer (2001, p.11).

Este incidente, segundo Suarez (2012, p. 47), “*posteriormente teve aspectos pedagógicos na vida de Ellen White*”. Podemos observar que deste sofrimento veio a incrível sensibilidade que ela tinha para com os sentimentos e sofrimentos das pessoas que a rodeavam, olhando sempre além do que se podia ver, mas tentando chegar ao coração.

Segundo Gomes:

Mediar o sentimento compreende alterar toda a visão que um indivíduo tem de si mesmo, principalmente se ele apresenta uma baixa autoestima e uma história de fracasso. Um indivíduo que se sente incompetente, ao mesmo tempo se sente atado, amarrado em uma posição subjetiva de derrota e pessimismo... a mediação do pertencimento veicula o mediado a estabelecer laços que irão ancorar, por sua vez, a construção de uma história de vida (2002, p.57).

E ainda enfatiza:

O ser humano, para manter sua saúde mental, precisa sentir-se “em casa”, ou seja, pertencer a algo – ser reconhecido e reconhecer, ser identificado e identificar seus pares – e ter certa relação de ser parte de um todo maior, que o acolhe e o protege. Pertencer a algo, além de nos descentrar de uma onipotência egocêntrica, acalenta um sentimento de prazer, de comunhão, já que o ser humano não pode responder sozinho pelas suas questões existenciais.

Seus conselhos para os professores é que não perdessem nenhuma oportunidade para cativar, ligar o coração dos alunos aos dos professores, ensinando-os e conduzindo-os. Ela sempre exortava aos professores a demonstrarem entusiasmo ao ensinar.

O professor em seu trabalho deve tratar de coisas reais, delas deve falar com toda força e entusiasmo que sejam inspirados pelo conhecimento de sua realidade e importância. [...] Deve sempre conduzir-se como um cristão gentil. Deve manifestar em relação a seus alunos uma atitude de amigo e conselheiro, se professores [...] cultivasse o espírito de cortesia cristã, encontraria muito mais facilmente acesso ao coração [...]. Quando cada professor esquecer o próprio eu, experimentando profundo interesse no êxito e prosperidade dos alunos, compreendendo que é propriedade de Deus, e que eles tem de prestar contas de sua influência sobre a mente e o caráter desses alunos (WHITE, 2008, p. 143).

Ellen White, em todos os seus escritos educacionais, exortava os professores da honrada obra que possuía de como deveriam realizar com esmero e muito carinho, não se esquecendo que seu material de trabalho não era meros objetos, mas pessoas, cheias de sentimentos e que deveriam ser respeitadas como obra da criação de Deus.

Ela buscava incessantemente incentivar a união de professores e alunos para que a escola tivesse um clima de harmonia: *“professores e estudantes devem cooperar [...] cada um agindo no sentido do melhor interesse para que nossas escolas sejam o que Deus possa aprovar”* (WHITE, 2008, p. 100).

É impossível separar o processo de ensino e aprendizagem da afetividade. Existe uma rede de ligação emocional entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, que os envolvem e passam a fazer parte da história individual. Uns carregam experiências positivas, outros negativas, mas sempre carregarão um sentimento em relação ao processo em sala de aula.

Que o professor tome consciência disso e se esforce tanto quanto possível para que essas experiências sejam mais positivas que negativas.

Arroyo diz que:

[...] Se toda ação educativa e toda aprendizagem implica em uma ação dos sujeitos que aprendem, se os saberes escolares não podem ser alheios a experiência existencial dos educandos (as), teremos que iniciar por aí, por conhecer os sujeitos. Não apenas conhecer a realidade social, econômica, política, mas como educadores conhecer, sobretudo, os educandos, quem são, como experimentam existencial e humanamente essa realidade. Em que, a realidade e até as ciências, os conhecimentos, os afeta nas suas possibilidades de se formarem como humanos, quanto a indisposição para aprender (2001, p.47).

Pereira e Gonçalves afirmam que:

Fala da importância de um professor afetivamente envolvido com seu aluno dizendo que, no ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno. O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização (2010, p.14).

Concordamos com o que Moreno, Sastre, Leal e Busquets destacam:

A falta de educação da própria vida afetiva e o desconhecimento das formas de interpretação e de respostas adequadas perante as atitudes, condutas e manifestações emotivas das demais pessoas deixa alunos e alunas a mercê do ambiente que os rodeia e no qual abundam modelos de resposta agressiva, descontrolada e ineficaz diante dos conflitos interpessoais, que, com frequência, se apresentam em todas as formas de convivência social (2003, p. 46).

Para Freire, não existe educação sem amor: *“ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”* (1983, p. 29).

Freire (1996) ainda nos diz que o professor precisa estar aberto ao gosto de querer bem. Isso não quer dizer que o professor tenha de querer bem a todos os alunos da mesma forma, mas que ele não deve permitir que sua afetividade interfira no cumprimento do seu dever de educador.

Para Freire só se pode ser educador se houver amor, pois o próprio ato de ensinar é amor, mas o amor de Freire corresponde ao ato de conseguir penetrar no mundo do educando e estabelecer com ele a conexão de entender seu mundo, respeitar seus pensamentos e sua cultura, educando dentro dela.

O relacionamento professor-aluno é extremamente importante na construção do saber, pois educar é ajudar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como de seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades. É, também, oferecer diversas ferramentas para que a pessoa possa escolher o seu caminho, entre muitos, determinando aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. O educador é, sem dúvida, a peça mestra nesse processo de educar verdadeiramente, devendo ser encarado como um elemento essencial e fundamental. Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades de desempenhar uma prática democrática efetiva que eduque positivamente.

Paulo Freire, em seu livro *“Professora Sim, Tia Não”* (1997), ressalta a importância dos componentes afetivos e intuitivos na construção do conhecimento. Diz que:

É necessário que evitemos outros medos que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso, mas nunca desprezá-los.

Referenciando ainda o mesmo autor:

[...] Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar (FREIRE, 1996, p.159).

Paulo Freire afirma que o professor deve ser equilibrado, nem adocicado, nem severo e frio ou amargo e coloca que a afetividade na escola é justamente a abertura e a disponibilidade da alegria de viver, de aprender, a troca de experiência que deve ser vivenciada em sala de aula. Ser docente é ser alegre por natureza: *“Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”* (FREIRE, 1996, p.17).

Pela educação podemos aprender a integrar razão e emoção, uma coisa não necessita anular a outra. Aliás, ser humano é exatamente isso, é poder sentir e pensar como um todo. Pela educação comunicativa precisamos aprender a ensinar nossos próprios sentimentos construindo interação pessoal. Quanto mais rica estas redes, mais nos realizaremos como pessoas e mais úteis nos tornaremos para os grupos e organizações aos quais nos vinculamos.

O educador não pode jamais educar sem diálogo. O diálogo é peça fundamental para a existência de um bom relacionamento professor-aluno, principal ferramenta de trabalho do educador para conseguir se inserir e ser inserido no mundo do educando:

O diálogo é uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode também converter-se num simples intercâmbio de ideias, ideias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também uma discussão hostil, polêmica entre homens que não estão comprometidos em chamar ao mundo pelo seu nome, nem na procura da verdade, mas na imposição de sua própria verdade [...] O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo que é ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo. Este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação. A dominação revela um amor patológico: sadismo no dominador, masoquismo no dominado. Porque o amor é um ato de valor não de medo, ele é compromisso para com os homens. Além disso, o diálogo, não pode existir sem humildade. Designar o mundo, ato pelo qual os homens recriam constantemente este mundo, não pode ser um ato de arrogância. O diálogo, como encontro de homens que tem por tarefa comum aprender e atuar rompe-se as partes - ou uma delas - carecer de humildade. O diálogo exige igualmente uma fé intensa no homem, fé em seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais humano: o que não é privilégio de uma elite, mas o direito que nasce com todos os homens. A fé no homem é uma exigência primordial para o diálogo, o homem do diálogo crê nos outros homens, mesmo antes de encontrar-se frente a frente com eles (FREIRE, 1980, p.83).

Ainda de acordo com Freire:

[...] O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (1996, p. 96).

Paulo Freire afirma que a relação entre professor e aluno se caracteriza em um sistema horizontal de respeito e intercomunicação. O autor enfatiza essa relação de respeito que tem de ser criada entre professor e aluno. Apenas dessa forma o professor poderá realizar seu trabalho e realmente fazer uma mudança na aprendizagem e na vida de seus alunos.

Também fala sobre a afetividade que, em sua opinião, é o fator fundamental para que se crie uma boa relação entre professor e aluno. Claro que essa

afetividade deve ser dada em certa proporção para que os papéis de professor e aluno não se confundam.

É através da afetividade e da boa relação que o professor poderá criar a autoridade sobre sua turma e alunos.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 1996, pp.159-160).

Essa autoridade está diretamente relacionada com a visão que os alunos têm de seu professor e com a forma com que o professor lida com seus alunos. Freire crê também que o diálogo é a melhor forma de se resolver qualquer problema e situação junto aos alunos. É com o diálogo que esse sentimento de respeito e autoridade se faz possível no ambiente escolar.

Que cada professor entenda seu papel em sala de aula como influenciador emocional, construindo ao invés de destruir o caráter de seus alunos, incentivando-os, ouvindo-os e sendo afetivamente sensíveis e acessíveis.

2.3. Autoridade e Disciplina

O mundo moderno apresentou em seu desenvolvimento uma crise de autoridade. A palavra autoridade possui a mesma raiz da palavra autor. Ser autor é ter a capacidade de fazer algo, de criar. Autoridade está atrelada à responsabilidade. Ser educador é conseguir reconhecer a importância do que seus alunos pensam. Caso consiga ouvir um pouco da história de sua vida, até das dores que trazem de casa, então terá conseguido desenvolver, porque todo ser humano que se sente escutado e acolhido tem mais facilidade para respeitar regras. Portanto, afeto e autoridade são palavras que devem estar presentes na relação professor e aluno.

A autoridade que o professor deve colocar a serviço da formação de seus alunos é um compromisso que ele assume em relação aos mesmos, à verdade e também a si mesmo (GADOTTI, 1975). Essa autoridade deve se fundamentar na eticidade de sua profissão e no compromisso com o ato de educar para a autonomia. Esse compromisso significa também, na opinião de Aranha (1989, p. 68),

que a autoridade do educador está na competência e empenho profissionais que o fazem “caminhar” com o aluno na busca de objetivos comuns. Essa autoridade consiste em fazer da sala de aula um ambiente de respeito ao pluralismo de ideias, às divergências, às diferenças individuais, à construção do saber crítico, fatores indispensáveis ao desenvolvimento da autonomia do aluno.

A sala de aula é um espaço de construção de relacionamentos e como toda a sociedade atual sofre cada vez mais com as questões de violência, agressividade e indisciplina.

A educação é um processo de humanização e de relação uns com os outros. Com as relações humanas surgem exigências de criação de comportamentos, valores e saberes que mudam conforme aparecem novas gerações.

O educador, que em sua prática busca promover a autonomia dos educandos, deve estar atento à relação autoridade-liberdade para que haja a necessária disciplina sem haver autoritarismo ou licenciosidade, o equilíbrio entre ambas é necessário. *“O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade”* (FREIRE, 2000a, p. 99).

Para Freire (2000, pp. 102-103), a autoridade docente precisa estar fundada na autoridade da competência, não que a competência técnica na área em que atua seja suficiente para garantir a autoridade, mas a incompetência profissional a desqualifica.

A autoridade está relacionada com promover, incentivar, por isso demanda generosidade. Relações justas e generosas geram um clima em que a autoridade do professor e a liberdade do aluno se assumem em sua eticidade (Freire 2000, p. 103). A autoridade não pode cair no autoritarismo, caso em que educará para a servilidade, que é uma forma de heteronomia. A autoridade que é democrática se preocupa com a construção de um clima de real disciplina, de respeito, procura levar o educando a construir, por meio de sua liberdade e fundado na responsabilidade, a autonomia.

Segundo Freire (1999, p.83), na constituição da necessária disciplina não há como identificar o ato de estudar, de aprender, de conhecer, de ensinar, com o puro entretenimento. A prática educativa é difícil, é exigente, não pode ter “regras

frouxas”, no entanto, também não pode ser um ato insosso, desgostoso, enfadonho, deve ser prazeroso.

Há alegria embutida na aventura de conhecer, de descobrir, sem a qual o ato educativo pode se tornar desmotivador. Mesmo assim, *“estudar é, realmente um trabalho difícil. Exige de quem faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a”* (FREIRE, 1982, p. 9). É a postura ativa, criativa, crítica, necessária para a construção da autonomia, que a disciplina típica da educação bancária abafa e a disciplina respeitosa da educação dialógica promove.

A construção respeitosa da disciplina deve incluir a educação da vontade. A vontade só se torna autêntica em sujeitos que assumem seus limites. *“A vontade ilimitada é a vontade despótica, negadora do outras vontades e rigorosamente, de si mesma”* (FREIRE, 2000, p. 34).

A vontade despótica é negadora da própria autonomia e da autonomia dos outros. Por isso, a disciplina da vontade é uma prática difícil, mas necessária, é por meio dela que se constitui a autoridade interna a partir da introjeção da autoridade externa (cf. idem, p. 35), o que permitirá a liberdade viver plenamente suas possibilidades, as quais incluem a construção da própria autonomia.

A relação interpessoal na autoridade racional se baseia no aprendizado do ser em posição inferior pelo ser em posição superior em busca de uma igualdade futura. Na autoridade irracional, a distância entre quem comanda e quem é comandado vai se distanciando ao longo do processo.

O resultado da primeira situação é a promoção de sentimentos de empatia, gratidão e admiração, que são propulsoras de qualidade de vida. Na segunda situação, os resultados destas relações pessoais são a hostilidade e o ressentimento, que promovem sentimentos destrutivos da coletividade.

O educador não deve buscar sua autoridade na superioridade do saber em relação ao aluno, mas sim promover a circulação do conhecimento, que aguça a curiosidade, que proporciona a reflexão abrindo espaço para o diálogo saudável, para a troca de informações, propondo que cada sujeito envolvido no processo possa dar sua opinião.

O educador deve mostrar que autoridade é algo que se conquista e não se impõe com autoritarismo. Ao contrário, a autoridade beneficia o diálogo, a interação a troca de informações, torna a sala de aula um ambiente de crescimento prazeroso.

Tanto as escolas públicas quanto as privadas têm cada dia se deparado com o aumento da violência e indisciplina no âmbito escolar, independente da classe social dos alunos. Neste ambiente se encontram dois mundos: o dos excluídos e o dos incluídos. Segundo Vasconcellos (1997), o aluno precisa da autoridade do professor, seja para se orientar, seja para se opor, como uma necessidade inerente ao processo de constituição de sua personalidade. Mas, adverte o autor, essa autoridade é contraditória, pois leva em si a sua negação, que é a construção da autonomia do aluno. Ele lembra que a própria palavra autoridade (em latim "*auctoritas*"), em seu sentido radical significa "a capacidade de fazer o outro autor" (1997, p.100). Assim entendida, a autoridade do professor implica a sua diretividade no processo de ensino-aprendizagem, numa atitude de respeito à iniciativa e curiosidade do aluno. Nesse sentido, o respeito à pessoa do professor não advém de práticas autoritárias, mas da busca de objetivos comuns. De acordo com Libâneo (1980), quanto maior essa autoridade, mais os alunos darão valor às exigências do professor.

O professor está diretamente envolvido na situação, sendo este afetado se não está preparado emocionalmente, psicologicamente e profissionalmente. No entanto, esta temática necessita ser olhada e estudada com muito cuidado, pois constitui como a principal barreira para a construção de uma aprendizagem eficaz e eficiente e está ligada ao fracasso escolar.

Segundo Antunes, indisciplinada é:

Toda a classe que não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno. Não oferece condições para que os professores possam acordar em seus alunos sua potencialidade como elemento de autorrealização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania. Não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos (2002, p. 9).

Para Amado:

Indisciplina é a manifestação de atos e condutas, por parte dos alunos, que tem subjacentes atitudes, que não são legitimadas pelo professor no contexto regulador da sua prática, pedagógica e, conseqüentemente, perturbam o processo normal de ensino aprendizagem (1998, p. 35).

Para Freller:

Os comportamentos indisciplinados são essencialmente negativos, atrapalham a aprendizagem escolar, revelam falta de educação, ataque ou patologia e devem ser enfrentados por medidas moralizadoras, punitivas, ou médico-psicológicas (2001, p. 17).

De acordo com Camacho:

O termo indisciplina não pode se restringir apenas a indicação de negação ou privação da disciplina ou à compreensão de desordem, de descontrole, de falta de regras. A indisciplina pode também ser entendida como resistência, ousadia e inconformismo (2001, p.129).

Segundo o Dicionário Aurélio, temos as seguintes definições:

Disciplina – s f 1. Regime de ordem imposta ou livremente consentida. 2. Ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.). 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. 4. Observância de preceitos ou normas. 5. Submissão a um regulamento.

Indisciplina – s f Procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião.

Já para Tiba, disciplina é:

(O) conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito ao bem estar biopsicossocial (1996, p. 27).

La Taille traz umas das definições mais completas:

Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações (1996, p. 10).

Embora as definições sejam muitas, há uma coisa comum para vários autores, muitos concordam que a indisciplina é o fator causa número um de estresse, sendo este um complicador. Infelizmente em nosso país é comum no

ambiente escolar presenciarmos a falta de respeito para com o professor, colegas e com o próprio processo de aprendizagem. Este fator leva o professor a um desgaste emocional ao assumir uma classe com estes problemas e é claro afeta diretamente a motivação do professor. Não têm sido poucas as histórias de abusos e agressões por ambas as partes, o que leva muitos profissionais até mesmo a desistirem de sua profissão, ou sala de aula. Muitos têm sido submetidos a um nível alto de estresse a ponto de desenvolverem depressão e síndromes que levam ao afastamento do profissional cada vez mais.

A partir do conceito que os educadores têm de indisciplina, podemos dizer que para eles o indisciplinado é aquele que se opõe à submissão, à obediência, porém, muitas vezes, há no processo educativo, docentes com atitudes autoritárias, que não respeitam o educando em sua forma de pensar, ou seja, não respeita diferente. Nos últimos dez anos a situação tem se agravado, preocupando docentes, coordenadores pedagógicos e diretores de escolas.

Os professores, além de terem a responsabilidade de ensinar, precisam aprender a lidar com a indisciplina.

De acordo com Vasconcellos, os fatores que podem causar indisciplina são:

A família: é desestruturada, desorientada, não cumpre a tarefa de estabelecer limites e hábitos básicos em seus filhos, mas a família está assim, não por que escolheu, mas porque lhe foi imposto com as mudanças sociais e concentração de renda. A família trabalha mais e tem menos tempo para orientar e acompanhar seus filhos. [...] A escola (professor) muitas vezes está desqualificada, desorganizada. Mas vários fatores contribuíram para que ela se tornasse assim como a expansão quantitativa, diminuição da qualidade, fragmentação e esvaziamento da formação docente; condições precárias de trabalho. [...] A sociedade por sua vez está num processo de industrialização; desenraizamento econômico, cultural, afetivo, religioso; indução ao consumismo; baixa capacidade de tolerância; aumento da agressividade e violência (1993, p. 64).

É importante salientar que as escolas não estão devidamente preparadas para lidar com casos de indisciplinas, e estão tendo de lidar com casos coletivos, salas de aulas indisciplinadas. A escola sofre com a indisciplina dos educandos, e isso deixou de ser um evento esporádico e passou a fazer parte da rotina escolar. Verificamos que há um processo de realimentação de indisciplina: em casa, os pais não conseguem e não sabem impor limites, então este comportamento é reafirmado em sala de aula.

Os alunos vêm indisciplinados de casa e reproduzem seus maus comportamentos reforçados em sala de aula. É necessário manter uma manutenção constante da disciplina, e obter um trabalho de parceria entre o professor, escola e a família para que possam unir-se visando a melhoria da ordem e da disciplina para que haja um desenvolvimento salutar em sala de aula.

Mas o que verificamos é justamente o oposto deste comportamento, pais que têm tratado a escola e o professor como responsáveis últimos e únicos pela disciplina e, além disso, apoiam e reforçam o mau comportamento de seus filhos, ficando difícil para o professor e para a escola lidarem sozinhos com a situação. Hoje a punição é cada vez mais rara, tanto na escola quanto em casa.

Os pais têm larga parcela de culpa no que diz respeito à indisciplina em sala de aula. É uma situação cada vez mais comum: eles trabalham muito e têm menos tempo para dedicar à educação de seus filhos. Sentindo-se culpados por isso, evitam dizer não aos filhos e esperam que a escola assuma a função que deveria ser deles: a de passar para seus filhos os valores éticos e comportamento básicos. Trata-se de um problema que começa cedo em casa, mas que seus efeitos surgem na adolescência.

Vasconcellos (1994, p. 34) questiona: *“como desencadear um processo de aprendizagem num universo tão diversificado?”*

Os agentes sociais, a igreja, os partidos, a família, a escola, a ciência, não estão com seus autogovernos definidos, vitimando e desorientando o aluno. Estão em uma crise que merece um enfrentamento e um envolvimento maduro e consciente por parte de todos. Não se trata de descobrir os culpados. As causas da indisciplina estão entrelaçadas com a sociedade, a família, a escola, o professor e o aluno. São problemas familiares, carências, influências da TV, de toda a mídia, o que demanda uma atuação organizada e articulada em todas as frentes. A família e a escola mudaram muito.

Antes, a família era cúmplice da escola. Hoje deposita suas funções e delega suas responsabilidades a ela, porém a crítica. Cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família.

Sempre que ocorrem assuntos de disciplina e indisciplina, a família e a escola trocam responsabilidades. Os pais responsabilizam a escola alegando que a mesma vem com má qualidade de ensino há tempos, e a escola alega que a família

não sabe educar seus filhos, deixando de orientá-los quanto aos direitos, deveres, respeito e solidariedade.

É evidente que vivemos uma crise parental. Pais que estão perdidos quanto à orientação de seus filhos, aqueles que deveriam ter a voz de comando, estão sendo comandados e esta crise interfere diretamente na escola. Para a saúde psicológica e emocional das crianças e jovens é necessário que haja limites legítimos para balizar a consciência humana que devem ser apropriados por todos. Para a função de “guia” foi estabelecido em primeiro lugar os pais e em seguida os professores, mas quando na sociedade fica instaurada uma crise de autoridade, nossas crianças e jovens ficam perdidos à mercê de seus próprios desvarios. Cada vez mais os pais sentem-se perdidos em meio a um mar de informações, psicologias e teorias.

Para a formação de cidadãos conscientes, preparados para viver e contribuir com uma sociedade sadia torna-se essencial que haja, limite, orientações, respeito, aprendizagem de conviver com o diferente, respeitar as pessoas, opiniões e, sobretudo liderança. No entanto, é justamente nesses pontos que estão as falhas, nunca se ouviu tanto como na última década sobre desrespeito, crueldades e falta de amor às pessoas e à sociedade.

É exatamente por confundir e misturar os significados de autoridade e de autoritarismo que tantos pais têm medo de exercer qualquer forma de poder sobre seus filhos - seja ele justo e necessário à boa educação da criança ou um poder ilícito e prepotente, ditado apenas pelo desejo arrogante de se impor a qualquer custo.

É importante lembrar que a criança “sem limites” vive constantemente angustiada, pois não encontra nenhuma barreira que a proteja de si mesma e do mundo exterior. A falta de limites é a maior crueldade que se pode praticar a crianças indefesas, que ainda não estão maduras, não sabem e não podem fazer escolhas para sua vida.

Não é de assustar que em nossos dias torna-se cada vez mais difícil a disciplina em sala de aula, pois nela simplesmente se ecoa a crise social que estamos vivenciando, a falta de autoridade dos pais e a falta de preparo dos professores.

É evidente que o ambiente familiar e escolar interfere no desenvolvimento do ser humano, inclusive na sua personalidade, pois a forma como o aluno se comporta é exatamente e está diretamente ligado às suas experiências e ao seu histórico de vida, uma vez que ele se comporta como aprendeu a viver. Por isso, a grande importância da participação familiar na escola, assim como do professor em procurar conhecer a realidade de seus alunos, buscar melhorar o ambiente na sala de aula e na escola não medindo esforços para isso.

Entendemos que a violência e a agressividade é o reflexo das estruturas presentes, como por exemplo, a situação econômica, a mediação cultural e das relações sociais. Mas, o ambiente escolar é o encontro dessas diferenças, por isso, muitas vezes, é tão comum conflitos entre grupos dentro da própria escola. No entanto, a indisciplina que os leva a tumultuar todo e qualquer lugar em que estão é um reflexo dos conflitos vivenciados.

Um comportamento indisciplinado é qualquer ato ou omissão que contraria alguns princípios do regulamento interno ou regras básicas estabelecidas pela escola, pela família ou pela sociedade. Os motivos da indisciplina podem estar fora da aula, tais como problemas familiares, inserção social ou escolar, excessiva proteção dos pais, carências sociais, forte influência de ídolos violentos, entre outros. Nestes casos, o educador e a escola pouco podem fazer. É extremamente necessária a união dos pais à escola para que possam sanar essa questão. Outro aspecto importante está na questão do professor buscar despertar no aluno o interesse trazendo uma aula criativa.

O professor deve constantemente tentar despertar a curiosidade para alcançar e favorecer a aprendizagem do aluno para tê-lo motivado para o processo de ensino, para que aprendizagem seja prazerosa. O professor tem que saber se relacionar com seus alunos, ser hábil e qualificado no planejamento das aulas, capacitar-se para tornar cada vez mais o tempo em sala de aula, interessante e também demonstrar que a sua voz é a de comando e autoridade.

Este despertar para a aprendizagem pode contribuir para diminuir as tensões disciplinares em sala de aula.

Citando Freire:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino [...]. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica

o exercício da curiosidade crítica de tomar distância do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de cercar o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (2007, p.85).

Ficar horas e horas sentados em uma cadeira escolar somente recebendo conteúdo, não faz parte dos desejos e anseios das nossas crianças, adolescentes e jovens. Na verdade, isso até mesmo vai contra a própria natureza juvenil, que possui uma enorme energia e necessitam gastá-la, sentem-se privados de liberdade corporal, criatividade e expressão.

O desejo desses alunos é brincar, fazer alguma atividade corporal ou relacionar-se entre si. Soma-se a isso, o crescente desenvolvimento tecnológico em que nossos alunos estão expostos com muito som, cores e ação. Se, estão em uma sala de aula em que o professor tem como recurso somente o quadro de giz, sua voz e livros, eles ficam desmotivados, sem interesse e até mesmo irritados. Os alunos acabam usando a indisciplina para extravasar seus sentimentos de frustração e irritação por sentirem-se forçados a estarem em um ambiente que não lhes é interessante e com um professor que lhe cobra disciplina e atenção quando desejaríamos estar se divertindo ou fazendo qualquer outra atividade.

É próprio das crianças, adolescentes e jovens pensarem no que desejam agora, e não no futuro ou no porquê é importante para eles estarem ali naquela sala de aula, naquela escola. Com a ruptura da educação autoritária passada, que forçava e impedia as pessoas de exporem seus sentimentos, uma educação castradora que comandava pelo medo, os alunos estão sentindo cada vez mais que têm o direito de expor seus pensamentos e frustrações.

No passado, o respeito ao mestre era imposto de forma autoritária, sem deixar espaço para um relacionamento informal. Castigos e palmadas eram considerados excelentes métodos para moldar a personalidade de educandos rebeldes e prepará-los para a vida adulta. E, ao compararmos a indisciplina de hoje com a dos anos anteriores, devemos nos lembrar que as escolas do século passado eram somente para uma parte da sociedade, exigiam teste de admissão para a matrícula, não atendiam a demanda, eram seletivas e exclusivas. Por outro lado, presenciemos um sair de um extremo para outro. Não pouco tem sido comentado sobre como os professores estão perdendo sua autoridade, ficando reféns de um sistema em que o aluno tem todos os direitos e o professor somente dever.

Torna-se profundamente necessário entender e diferenciar autoridade de autoritarismo. Autoritarismo é um conjunto de normas rígidas de conduta, impostas de cima para baixo, sem que haja uma comunicação de qualidade e sem a presença de afeto. Poder imposto a qualquer custo, arbitrário, impositivo. Autoridade, por outro lado, está ligada ao conceito de influência, ao líder que traz uma influência para que seus liderados tenham o desejo de fazer parte, de cooperar, de colaborar.

A autoridade do professor deve derivar de sua postura profissional, da firmeza com que esclarece conceitos, dos planos de aula bem pensados e produzidos, de sua capacidade de ouvir, de seus estudos e atualização constantes e da clara consciência de que, na sala de aula, ele deve exercer um comando que demonstre sua paciência, persistência, capacidade de argumentação e de diálogo e, principalmente, experiência e inteligência. Dessa forma, o professor influencia seus alunos, trazendo-os por vontade própria para perto.

A escola é um ambiente de relações. Nela evidencia-se a desigualdade social, e desde cedo, aprendemos a nos relacionar com o mundo neste ambiente, aprendendo a nos defender, atacar e contra-atacar.

A violência pode ocorrer de diversas formas, pois na escola acontece o encontro de diversas classes sociais, mundos de concepções e filosofias de vida. Este ambiente é o lugar fora de nosso lar em que mais passamos tempo, podendo ser uma profunda fonte de prazer ou de terrível decepção que nos influenciará positiva ou negativamente para o resto de nossas vidas. Por isso, é de extrema importância verificar como os professores e demais profissionais estão lidando com esses acontecimentos.

Segundo Guimarães:

Não podemos isentar a escola como se a violência estivesse somente do lado de fora. Apontar os pais, a estrutura familiar, a estrutura econômica como responsáveis pela crueldade entre as crianças e adolescentes [...] à violência que é gerada dentro da própria escola, não apenas porque ela é uma instituição homogeneizadora, controladora [...] mas, também porque ela é a expressão de grupos em permanente conflito (1996, p.81).

Neste aspecto, o professor, na sala de aula, seu ambiente de trabalho, vivencia os reflexos da indisciplina, agressões físicas e/ou verbais.

Como nos diz Muller:

É aí (na sala de aula) que a indisciplina realmente acontece e se torna um problema, comprometendo a aprendizagem, gerando polêmicas das mais diversas. E se o professor não possui o preparo adequado e a maturidade emocional para lidar com este problema então, não consegue ter o domínio necessário para manter o respeito e a disciplina na sala de aula, tendo um profundo sentimento de incapacidade e frustração, conseqüentemente trazendo influências negativas no processo de aprendizagem e na qualidade de ensino destes alunos. Este professor necessita de um apoio e uma atenção da parte da coordenação pedagógica para assim poder decidir em quais métodos e quais ferramentas pedagógicas vão poder auxiliar nesta situação poder refletir e dar atenção, uma atenção especial ao planejamento, e assim poder dar significação à aprendizagem e assim poder proporcionar o interesse dos mesmos (2001, p.38).

Muller coloca:

Talvez mais importante do que dizer que a disciplina é um elemento fundamental para que o aprendizado possa acontecer é saber como conseguir uma boa disciplina no gerenciamento de uma classe. Uma das alternativas possíveis é buscar entender melhor como uma criança se sente na sala de aula, num ambiente que não foi pensando por ela e não necessariamente para ela (2001, p.66).

Outro fator importante para se pensar é sobre o enfrentamento para com o professor. Este muitas vezes é cobrado para que seja uma espécie de pai postiço. Creemos que cada vez mais estão sendo atribuídas responsabilidades dos pais aos professores. Mas estes não estão preparados, e nem mesmo deve estar, para lidar com tal situação. O professor deve agir como professor e não como se tivesse algum papel paternal. Ao professor cabe o papel de cooperar com o desenvolvimento cognitivo e também com a formação de cidadão pensante, mas não assumir totalmente e sozinho a formação e educação de seus alunos.

Como nos diz Freire:

A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Pode-se ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos [...] O mundo afetivo desse sem-número de crianças é roto, quase esfarelado, vidraça estilhaçada. Por isso mesmo essas crianças precisam de

professoras e de professores profissionalmente competentes e amorosos e não de puros tios e de tias (1997, p. 12).

Aqui está o grande dilema da questão da disciplina, encontrar o ponto central de atuação do professor distanciando-se dos dois modelos que nada contribuem para um bom posicionamento deste profissional: o do professor autoritário do passado, em que sua voz está acima de tudo, que desrespeita o aluno como um ser pensante e que rege a sala de aula pelo medo e pela mão-de-ferro, que ecoa sua voz como um trator aniquilando qualquer pensamento ou reação contrária a sua, e outro o da tia permissiva, que não se vê com autoridade necessária para pôr ordem em sua sala de aula, com medo e refém de seus alunos indisciplinados, que não permitem o desenvolvimento adequado de seu trabalho.

Ellen White percorreu em seus escritos educacionais sobre a indisciplina de uma forma muito clara e ampla. Segundo Ellen White, em seu livro “Orientação da Criança”, o objetivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma. Em sua concepção, a educação dos filhos era responsabilidade restrita dos pais, estes ao falharem transferiam essa responsabilidade à escola, mas segundo ela, a escola somente deveria ou poderia cooperar ou colaborar com a formação educacional que já antes havia sido trabalhada em casa. White, apesar de salientar que nossas crianças e jovens deveriam sempre ser tratadas com carinho, respeito e conquistadas pelo coração e jamais comandadas pela força. Via a indisciplina com muita seriedade e entendia que ela jamais deveria ser aceita ou ignorada, pois se não fosse tratada como deveria ser, tornar-se-ia um sério problema podendo comprometer a vida futura deste indivíduo para sempre.

Como diz White:

Não se espera, no entanto que os professores façam a obra dos pais. Tem havido, da parte de muitos pais, terrível negligência do dever [...] falham quanto a exercer a devida restrição; depois mandam os indisciplinados filhos para o colégio a fim de receberem a educação que deviam ter-lhes ministrado em casa. Os mestres têm uma tarefa que poucos apreciam. Caso sejam bem sucedidos em reformar esses extraviados jovens, pouco reconhecimento merece. Se os jovens procuram a companhia dos que são inclinados para o pecado, e vão de mal a pior, então os professores são censurados e a escola é acusada. Em muitos casos a censura caberia justamente aos pais. Eles tiveram a primeira e mais favorável oportunidade de controlar e educar os filhos, quando o espírito dos mesmos era dócil, a mente e o coração facilmente impressionáveis. Devido a negligência dos pais, porém a criança tem a permissão de seguir a

própria vontade, até se endurecerem em má direção [...]. Caso os pais se colocassem na posição dos professores, e vissem quão difícil é administrar e disciplinar uma escola de centenas de alunos de todas as séries e de todas as tendências mentais, talvez com reflexão visse os fatos de modo diferente. Devem considerar que alguns filhos nunca receberam disciplina em casa. Tendo sido tratados complacentemente, sem nunca serem treinados na obediência [...], os que não demonstram respeito pela ordem e disciplina nesta vida (2008, p. 57).

Ellen White acreditava que, se cada pai e mãe cumprissem seu papel devidamente, com seriedade e amor, as crianças ao entrarem para a escola estariam com seu caráter pronto para continuar o trabalho do desenvolvimento cognitivo e da ampliação de crescimento de um cidadão consciente nas mãos dos professores, mas isso não isentava a responsabilidade dos professores de também serem agentes disciplinadores.

Cuidando para que essas crianças não tivessem seu caráter corrompido, ao estarem em contato com outras crianças que não foram devidamente ensinadas a conviverem com regras, ela alertava que se a escola não fosse bem dirigida e orientada, poderia ser um grande perigo ao exporem ao convívio todo tipo de crianças, podendo levar algumas a ser conduzida a indisciplina.

White afirma que:

O conhecimento de maus hábitos é comunicado de uma pessoa para outra, e o vício aumenta consideravelmente. Muitíssimos jovens que foram instruídos [...] e que partem para as escolas relativamente inocentes e virtuosas são corrompidos pela associação com companheiros depravados. Perdem o respeito próprio e sacrificam nobres princípios [...]. Em muitos casos, os pais labutaram arduamente para que os filhos recebessem uma educação esmerada. E depois passam pela amarga experiência de receber os filhos de volta de seus estudos com hábitos dissolutos e constituição física arruinada. E com frequência são desrespeitosos a seus pais (2008, p. 22).

A escola deve preocupar-se com o ambiente, proporcionando o desenvolvimento moral, físico e cognitivo, por isso, a necessidade de atenção para casos de indisciplina. Ainda que Ellen White recomende que o professor deva tratar cada aluno com carinho, respeito e muito amor, ela recomenda que os casos de indisciplina não devam ser ignorados.

Nas palavras de White:

A tarefa dos professores em nosso colégio é difícil. Entre os que frequentam a escola, há os que não respeitam as regras da escola e desmoralizam a todos que com eles se associam. Depois de, os professores haverem feito tudo que podem para corrigir esses alunos; depois de terem mediante esforços pessoal, procurado alcançá-los, e haverem eles recusado todo esforço feito em seu favor e continuarem sua conduta [...] será então necessário desligá-los da escola, a fim de que outros não sejam contaminados por sua má influência (2008, p. 35).

Apesar de Ellen White ter vivido em um tempo em que as escolas eram arbitrárias, que utilizavam castigos corporais como instrumento de correção e ensino e jamais davam voz aos alunos, ela acreditava e incentivava que a educação verdadeira deveria ser feita com profundo respeito às crianças, adolescentes e jovens, promovendo o diálogo. Comparava a educação austera ao processo de ensino de animais, e escrevia com forte orientação para que os professores das escolas adventistas não agissem assim.

White nos coloca que:

A educação da criança, em casa ou na escola, não deve ser como o ensino dos mudos animais; pois a criança tem vontade inteligente, a qual deve ser dirigida de maneira a reger todas as suas faculdades. Os animais devem ser treinados, pois não possuem razão. A mente humana deve ser ensinada, sua individualidade deve ser respeitada. Os pais e professores que se gabam de ter completo domínio sobre a mente e a vontade das crianças sob seu cuidado deixariam de agir assim caso pudessem acompanhar a vida futura das crianças que por esse método são postas em sujeição pela força ou temor. Nunca foi desígnio de Deus que a mente de uma pessoa estivesse sob o completo domínio de outra [...]. Há perigo de os pais e os professores comandarem e ditarem demasiadamente, ao passo que falham em manter adequadamente um relacionamento social com os filhos e alunos. Mantem-se com frequência muito reservados e exercem sua autoridade de maneira fria, destituída de simpatia, que não pode atrair o coração dos educandos. Caso reunissem as crianças bem junto a si, mostrassem que as amam, manifestassem interesse em todos os seus esforços, mesmos em seus esportes, tornando-se por vezes uma criança entre elas, dariam a elas muita satisfação, e lhes conquistariam o amor e a confiança. E mais depressa as crianças respeitariam e amariam a autoridade dos pais e mestres (2008, p. 10).

Outro aspecto em que Ellen White orientava seus professores, era no sentido de observarem a constituição física da própria criança. Ela dizia ser destrutivo manter crianças que possuem energia, curiosidade e muito desejo de aprender trancadas por cinco horas inteiras dentro de uma sala de aula. As crianças

deveriam sempre ter contato com a natureza, aprender da forma mais criativa, observando a natureza e podendo desenvolver seu organismo físico preservando a vida e a saúde.

Ela repetia que a verdadeira educação compreende muito mais que conhecimentos de livros.

O sistema de educação mantido por gerações passadas tem sido destrutivo para a saúde e até para a própria vida. Muitas crianças têm passado cinco horas por dia em salas de aulas apertadas e mal ventiladas, sem suficiente espaço para acomodação dos alunos [...], crianças pequenas, cujos membros e músculos ainda não desenvolveram, e cujo cérebro ainda não se acha desenvolvido, tem sido mantidas em ambiente fechado para dano seu [...], seu corpo é impedido de crescer adequadamente, em virtude da exausta condição de seu sistema nervoso (WHITE, 2008, p. 13)

A escola não pode ser um local de confinamento para as crianças, a educação verdadeira leva o desenvolvimento integral do aluno. A aprendizagem deve ser a mais prazerosa possível, levando os alunos a descobertas. Por isso seu conselho sobre levar as crianças a aprenderem ao ar livre, observando a natureza.

O confinamento das crianças de cinco horas em salas de aulas somente prejudica ainda mais a questão da falta de disciplina, pois as crianças ficam mais nervosas e irritadas. Para se ter um ambiente propício para uma aprendizagem satisfatória torna-se necessário que o professor obtenha um clima de ordem e disciplina, de outra forma fica impossível um processo de aprendizagem salutar.

CAPÍTULO 3

3.1. O Educador e a Educação Sociocomunitária

Sem sombra de dúvidas, o papel do educador é de extrema importância no contexto social, pois possui um papel de expressão e influência sobre as pessoas com quem interage. O educador necessita ser um profissional que reflita sobre as questões da sociedade e dos novos paradigmas da educação. Não se pode negar que a educação está diretamente ligada, comprometida com a sociedade, pois o ser humano é um ser político e este é o material de trabalho direto da educação: o ser humano. No contexto de sala de aula, encontramos a diversidade social, de ideias e comportamentos, sendo o espaço ideal para trocas de informações e reflexões profundas, promovendo a possibilidade de crescimento e envolvimento social de todos. Segundo Freire, *“o ser alienado, despolitizado, é incapaz de distinguir o ano do calendário histórico; não percebe que existe uma não-contemporaneidade do coetâneo”* (1985, p.24).

O profissional da educação precisa questionar, refletir, analisar a realidade que a ele se apresenta para então promover mudanças sociais. Quanto mais o educador for alienado, dissociado de sua práxis, com medo de correr riscos, pior será a sua condição “eu-mundo”, um profissional amorfo, levado pelas circunstâncias e pelo servilismo.

O educador possui a oportunidade de agir e interagir com diversas classes sociais no exercício de sua profissão, estabelecendo vínculos e proporcionando reflexões que poderão produzir mudanças drásticas no comportamento e no pensar ideológico de seus discentes. É um profissional que tem a oportunidade de avaliar o contexto social, as ideologias envolvidas na sociedade e usar o poder da comunicação em suas mãos para procurar influenciar positivamente seus alunos, provocando uma consciência política e social, levando à transformação, pois, *“a chave fundamental para transformação é a consciência da realidade e da própria capacidade para transformá-la”* (FREIRE, 1979, p. 78).

Neste contexto, o educador é um ator que deve preocupar-se em proporcionar um diálogo problematizador e envolver o educando em reflexões de sua postura e de suas possibilidades de mudanças. Ainda citando Freire (1989, p.6), *“o aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência*

da situação real”, a escola necessita oferecer a oportunidade para que o aluno tenha conhecimento real e concreto para uma participação social.

É impossível pensar no papel do educador sem considerar a potencialidade deste líder como um provocador social que deve interessar-se pela participação social e por influenciar de forma a colaborar com a transformação tanto na vida dos indivíduos com que se relaciona, quanto nos grupos e comunidades em que estes estão inseridos. Como nos diz Paulo Freire, o que adianta aprender a ler e escrever, se a sua realidade histórica permanece inalterada?

E como nos diz Lima:

A escola de ontem e os seus modelos identitários não atendem às demandas da atualidade. É inegável a constatação, esse descompasso. Uma escola inclusiva, aberta incondicionalmente às diferenças de todas as pessoas, contraria o espírito excludente conhecido e vivido em nossa sociedade e relações sociais (2009, p.8).

A escola como uma instituição geradora de conhecimento, deve ser também uma entidade geradora de transformação social, tendo o professor como facilitador e provocador destas discussões, levando seus discentes a uma profunda reflexão sobre qual é o seu papel na transformação social. Não se aceita mais os modelos reprodutores e consolidadores dos papéis excludentes. O educador faz parte de um importante sistema chamado educação, que é responsável por elaborar, manter e aperfeiçoar a sociedade, que por sua vez, alimenta os sonhos, anseios e ideologias de cada indivíduo.

Para produzir a transformação social e sua própria transformação, os educadores têm enorme responsabilidade sobre seus gestos e atitudes, sobre o pensamento emitido, pois são formadores de opinião.

Concordamos com Lima que nos diz:

Ainda que a educação não tenha o legado de mudar o mundo [...]. Os encontros e desencontros humanos marcam as subjetividades dos atores educacionais, sejam estes funcionários, docentes ou discentes. A escola é fundamentalmente, um espaço de constelações humanas e, portanto, ela proporciona experiências sociais que encaminham processos de subjetividade e de construção de identidades (2006, p. 9).

O docente deve engajar-se social e politicamente, percebendo as possibilidades da ação social e cultural na luta pela transformação das estruturas

opressivas da sociedade classista. Para isso, antes de tudo, necessitam conhecer a sociedade em que atuam e o nível social, econômico e cultural de seus alunos.

É necessário que o professor se assuma como um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos, neutros, mas sim definindo para si de qual lado está, apoiando-se nos ideais, se está a favor dos oprimidos ou contra eles.

Este profissional deve levar a população de seu raio de atuação a uma consciência crítica que supere o senso comum, no que se refere à necessidade de se formar um profissional crítico, que além de considerar os saberes, as vivências e memórias de seus alunos, que o professor construa novas formas de intervenção e atuando na sociedade, efetivamente como intelectuais transformadores.

As tarefas dos educadores se tornam cada vez mais complexas e buscam desenvolver práticas pedagógicas emancipadoras e verdadeiramente comprometidas com a transformação social. O educador necessita dialogar com uma conjuntura educacional que vise formar cidadãos emancipados e possa promover debates rumo à democratização social. Esse é o papel do educador: buscar em sua prática um exercício de ação-reflexão-ação.

Ellen White deixa claro o papel social que todos deveriam empreender. Para ela todos deveriam se envolver em serviços e ajuda ao próximo, mudando assim o contexto social em que vivemos:

Aquele que se esforça por obter conhecimento a fim de poder trabalhar pelos ignorantes e os que estão perecendo está desempenhando sua parte no cumprimento do grande propósito de Deus para com a humanidade. No serviço altruísta para a bênção dos outros, está ele satisfazendo o elevado ideal da educação cristã (WHITE, 1975, p.545).

Neste mesmo sentido, Paulo Freire nos diz que:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou

de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar (2009, p.96).

Freire afirma que a imparcialidade nunca pode pertencer à esfera docente, mesmo que o educador não deseje, sempre será um influenciador, além de que ser educador implica em estar do lado da decência, a favor da liberdade e contra toda e qualquer forma de dominação, *“pois, o aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real”* (FREIRE, 1989, p.6).

É preciso confiar nas mudanças e esperar o inesperado (Morin, 2001, p. 92). A construção do papel do ser educador é coletiva, se faz na prática de sala de aula e no exercício de atuação cotidiana na universidade.

De acordo com Gadotti:

A educação não é neutra. Ou se educa para o silêncio, para a submissão, ou com o intuito de dar a palavra, de não deixar calar as angústias e a necessidade daqueles que estão sob a responsabilidade, mesmo que temporária, de educadores e educadoras nos âmbitos escolares. Sendo assim, métodos e técnicas precisam ser secundarizados na discussão sobre a educação, o que se deve atentar prioritariamente é sobre a vinculação, entre o ato educativo, o ato político e o ato produtivo (1998, p. 72).

Para produzir a transformação social, o educador precisa olhar o contexto em que está inserido, dando especial atenção às situações da realidade da vida e observando as oportunidades que favoreça o crescimento da comunidade. A profissão de educador é uma conquista social, compartilhada, pois implica em troca, o que influencia vidas.

É muito difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. Cada ser humano é fruto do processo desencadeado ao longo da vida. No contexto de sala de aula encontramos a

diversidade social, de ideias e comportamentos. Encontramos conceitos que influenciam, influenciarão e direcionarão o agir do discente durante toda a vida.

O educador pode assumir o papel de agente provocador de discussões e reflexões que poderão mudar o rumo do indivíduo e, por conseguinte da sociedade. O educador deve ser o agente operante da reflexão e da luta contra as formas de poder. Ainda que ele não tenha consciência, é um ser político e, como um líder, influencia com seus pensamentos. Jamais será uma pessoa apolítica ou neutra, devendo assim utilizar-se de sua posição para que positivamente promova reflexões.

Para Gadotti (1998), o profissional da educação precisa ser desrespeitoso, não no sentido de faltar com o respeito, mas no sentido de questionar, refletir, analisar a realidade, quebrando assim, as conservas sociais, as ideologias impostas e os preconceitos que a ele se apresenta para então promover mudanças sociais.

Para este mesmo autor:

É preciso ser desrespeitoso, inicialmente, consigo mesmo, com a pretensa imagem do homem educado, do sábio ou mestre. E é preciso desrespeitar também esses monumentos da pedagogia, da teoria da educação, não porque não sejam monumentos, mas porque é praticando o desrespeito a eles que descobriremos o que neles podemos amar e o que devemos odiar. [...]. Nessas circunstâncias, o educador tem a chance de repensar o seu estatuto e repensar a própria educação. O educador, ao repensar a educação, repensa também a sociedade (GADOTTI, 1998, p.71).

O educador necessita constantemente avaliar e repensar seus próprios conceitos e crenças. Necessitamos de professores formadores de opinião que conduzam a um refletir sobre o sistema e que levem a ação e reação.

Como nos diz Edgar Morin:

Na história, temos visto com frequência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem ainda impossíveis de se realizar. Mas vimos também que o inesperado torna-se possível e se realiza; vimos com frequência que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável (2001, p. 92).

Esta deve ser a grande tônica do educador: trabalhar e esperar, esperar e trabalhar, desejando que o improvável torne-se realidade, que cada aluno seu possa ser um disseminador de conscientização, agente transformador da sociedade.

Segundo McLaren, isto exige que os currículos e os educadores percebam que é:

[...] Preciso reconhecer a importância de espaços de encorajamento para a multiplicidade de vozes em nossas salas de aula e de se criar uma pedagogia dialógica na qual as pessoas vejam a si e aos outros como sujeitos e não como objetos. Quando isso ocorre, os estudantes tendem a participar da história, em vez de tornarem-se suas vítimas (2000, p. 146).

Como participante ativo da história, o estudante tem a possibilidade de interferir nela, trazendo uma carga de responsabilidade para si, sendo assim um aluno politizado.

Para Gadotti:

Estudante politizado é aquele que atua politicamente dentro e fora da escola. É um estudante que tem motivação pela qualidade, pela relevância social e teórica do que é ensinado. Passa a exigir do professor, tem interesse pelas relações humanas estabelecidas no interior da escola (1998, p. 85).

O educador provocador de reflexões inserido neste mundo de reflexões tem um papel político e precisa problematizar, buscando o porquê e o para quê do ato educativo. Indo além, sua tarefa é a de quem incomoda, de quem evidencia e trabalha o conflito, não o conflito pelo conflito, mas o conflito para sua superação dialética, dando voz e encorajando essas vozes a saírem dos cenários de vítimas para serem sujeitos pensantes, problematizantes, sujeitos que vejam a si e aos outros.

E como nos diz Guattarri:

É exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (2001, p. 55).

O educador deve agir de forma operante e não neutra nessa sociedade de conflito, não pode ser ausente apoiando-se apenas nos seus saberes. A omissão não pode mais fazer parte de seu aparato em sala de aula e na vida, pois os problemas sociais estão por toda parte e pedem uma solução.

Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la.

Referenciando Gadotti:

Criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa nova alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecno-burocratas da educação. Não virá em forma de lei nem reforma. Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensada pelos educadores que se reeducam juntos. Essa reeducação dos educadores já começou. Ela é possível e necessária (1998, p.90).

Este educador precisa levantar a voz, não com o intuito de implantar ou impor suas ideologias e crenças, mas como alguém que tem opinião formada, que pode contribuir levando ao diálogo, pensando e refletindo sobre o conflito, conduzindo à problematização do seu saber.

Concordamos com Ruiz quando diz que:

A transformação social, que muitos almejam para uma sociedade mais justa, com menos desigualdades, onde todos tenham voz e vez, só será possível a partir do momento que se evidenciem os conflitos, não tentando escondê-los ou minimizá-los, mas que os tragam à tona, para que assim a educação não contribua como mecanismo de opressão, buscando a superação e não a manutenção do *status quo* (2003, p. 57).

Contudo, é necessário avaliarmos que o trabalho da educação não pode de forma alguma ser reduzido única e exclusivamente à sala de aula, não pode ficar cerceado pelos muros das escolas, precisa assumir diante da sociedade uma posição e um comprometimento de formador de transformações sociais, tanto em ser um instrumento de reflexão, como de ação.

Segundo Freire:

Considerando que a educação tem uma função técnico-política, ela pode tornar-se um instrumento de luta. Luta para estabelecer uma nova relação hegemônica, que permita construir um novo bloco histórico. E, como ponto de partida, para um trabalho de educação nessa perspectiva, é o compromisso de “assumir a liberdade e a crítica como modo de ser homem” (1989, p.7).

É importante deixar claro que a escola não é e não pode ser o único meio de se produzir educação.

Segundo, Machado:

As demandas socioeducacionais do mundo contemporâneo exigem um olhar mais abrangente sobre educação. Este novo olhar que discute educação em suas dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais inclui a escola como uma parte fundamental do processo, mas vai mais além. Trata da educação do homem integral, em todas as suas relações com a sociedade, inclui a diversidade individual e social, abrange as transformações e os avanços do conhecimento e se dirige a todas as faixas etárias e a todas as etapas da vida (2011, p. 117).

Machado (1998) nos diz que as intervenções socioeducacionais estão presentes em diferentes espaços sendo este formais e não formais. Trilla, citado por Machado (2011, p.124), afirma que a educação formal, não formal e informal deveria compreender a globalidade do universo da educação. Segundo Reboul (1980, p.7), citado por Ferino (2009, p.273), somos alertados para a abrangência da ideia de educação e do campo educacional. Ele ainda observa como raramente empregamos este termo sem logo limitar seu sentido.

Pensamos na escola, entretanto, a educação se faz primeiro na família, sem falar do terceiro meio constituído pela rua, pelo esporte, pelos movimentos de juventude, pelos *mass media*, etc. Pensamos no ensino, como se a educação não fosse tanto física, estética, moral, afetiva, quanto técnica e intelectual.

Pensamos na criança, mas também o adulto não tem que se educar incessantemente? São precisos cinquenta anos para fazer um homem, dizia Platão. Cumpre tomar a educação no sentido total, mutilá-la é mutilar o homem.

Segundo Caro:

Quando falamos em Educação, sempre nos referimos àquela que ocorre dentro da escola. Parece a escola ser a única responsável pelo desenvolvimento integral do indivíduo, portanto, a única também responsável pelo fracasso da Educação (2011, p.132).

Trilla (1993) argumenta que:

A educação é uma realidade complexa, heterogênea e versátil. A multiplicidade de processos, fenômenos, agentes ou instituições que se tem considerado como educativo apresenta tanta diversidade, que pouco se pode dizer da educação em geral (*apud* CARO 2011, p.132).

Ainda citando Caro:

Quando se fala em educação seria muito simplista reduzi-la à educação escolar, pois se observa somente uma parte da realidade. A escola não é a reserva natural da formalidade e do rigor pedagógico. As outras educações, chamadas de educação não formal ou informal, podem ser tão formais ou mais que a própria escola. Como dizem Petrus et al (2000), a Educação é global, é social, e se dá ao longo de toda a vida. O objetivo da educação é capacitar o indivíduo para viver em sociedade e comunicar-se, porém, é preciso admitir que, em algumas ocasiões, a escola adota certa atitude de reserva frente aos conflitos e problemas sociais dos alunos.

A educação nas sociedades latino-americanas, conforme Freire (1994), ainda ocorre em um processo vertical. O professor é um ser superior que ensina ignorante. O educando recebe passivamente os conhecimentos tornando-se um depósito de educador. Educa-se para arquivar o que se deposita, mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo sujeito de sua ação (Caro, 2011, p.133).

Segundo Ferrigno (2009, p.271), de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão pertencente ao Ministério da Educação do governo brasileiro, a educação não formal pode ser entendida como:

1. Atividades ou programas organizados fora do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos;
2. Qualquer atividade educacional organizada e estruturada que não corresponda exatamente à definição de educação formal;
3. Processos de formação que acontecem fora do sistema de ensino (das escolas às universidades);
4. Tipo de educação ministrada sem se ater a uma sequência, gradual, não leva a graus nem títulos e se realiza fora do sistema de Educação Formal e em forma complementar;
5. Programa sistemático e planejado que ocorre durante um período contínuo e pré-determinado de tempo.

A educação não formal pode ocorrer dentro de instituições educacionais, ou fora delas, e pode atender pessoas de todas as idades (INEP, 2001^a).

A educação informal é:

1. O processo de aprendizagem contínuo e incidental que se realiza fora do esquema formal e não formal de ensino;
2. Tipo de educação que recebe cada indivíduo, durante toda a sua vida ao adotar atitudes, aceitar valores e adquirir conhecimentos e habilidades da vida diária e das influências do meio que o rodeia, como a família, a vizinhança, o trabalho, os esportes, a biblioteca, os jornais, a rua, o rádio, etc.;
3. Processo educativo assistemático que ocorre em meio [a família, ao ambiente e trabalho, a partir da mídia, em espaços de lazer, entre outros, resulta no desenvolvimento de conhecimentos e valores [...];
4. Educação informal abrange todas as possibilidades educativas, no decurso da vida do indivíduo, construindo um processo permanente e não organizado (INEP, 2001b).

Segundo Park, Fernandes e Carnicel (*apud* FERRIGNO) as principais diferenças entre educação formal e não formal são:

Por educação formal entendemos o tipo de educação organizada por determinada sequência prévia e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação não formal, embora obedeça a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (2009, p.272).

Machado (2011) nos diz que o profissional que atua em todas estas linhas de trabalho recebe a nomenclatura em diversos países, sem necessariamente haver um consenso de educador social. Este profissional é definido segundo Machado por dois âmbitos: o social, em função de seu trabalho; e pelo caráter interventivo de sua ação educativa, cuja demarcação teórica persiste controversa devido a ideologia, filosofia e visão antropológica.

A educação social possui uma abrangência ampla e sua escala de atuação é grande. Torna-se evidente a necessidade de um trabalho que inclua uma equipe multidisciplinar, longe de esgotarmos as sugestões de programa que apresente projetos para o desenvolvimento de um trabalho socioeducativo.

Mostraremos aqui, algumas sugestões que foram apresentadas por Quintela (1993, *apud* MACHADO, 2011, p.128):

- a) Atenção à infância com problemas (ambiente familiar desestruturado, abandono);
- b) Atenção a adolescência (orientação pessoal e profissional, tempo livre, férias);
- c) Atenção à juventude (política de juventude, associacionismo, voluntariado, atividades, emprego);
- d) Atenção à família em suas necessidades existenciais (famílias desestruturadas, adoções, separações);
- e) Atenção à terceira idade;
- f) Atenção aos deficientes físicos, sensoriais e psíquicos;
- g) Pedagogia hospitalar;
- h) Prevenção e tratamento das toxicomanias e do alcoolismo;
- i) Prevenção da delinquência juvenil (reeducação dos dissocializados);
- j) Atenção a grupos marginalizados (imigrantes, minorias étnicas, presos e ex-presidiários);
- k) Promoção a condição social da mulher;
- l) Prevenção de violências e abusos à mulher, crianças e adolescentes;
- m) Educação de adultos;
- n) Animação sociocultural.

Como foi citado acima, é grande a atuação e a necessidade de um programa de educação social que atenda a demanda da sociedade. O educador que deseja atuar como agente de transformação pode, junto à escola, observar quais as reais necessidades da comunidade em que está inserido e o que pode ser feito por ela, elaborando um projeto e vinculando seus educandos para que possam envolver-se nesses projetos sociais.

Concordamos com Caro quando cita que:

As bases teóricas da educação social na realidade brasileira ainda são muito frágeis. Embora se tente consolidar o trabalho realizado nas várias frentes da educação não formal, da educação comunitária e da educação popular, não conseguimos fundamentar as ações presentes nas diversas frentes de trabalhos sociais (CARO, 2011, p.132).

Ainda citando Caro:

A educação não formal reconhece a pessoa como um ser que pensa, age, sente e que traz consigo uma cultura que precisa ser respeitada para que ele possa crescer e se desenvolver, pois a cultura faz parte da identidade do ser humano e os valores são imprescindíveis em sua formação. Esta educação acontece pelas iniciativas de movimentos populares, associações democráticas, organizações que visam à mudança social, dentre outras. Tem um caráter transformador, pois possibilita que os atendidos sejam conscientizados do seu valor e da importância de serem cidadãos conscientes ao atuarem em sua realidade, viabilizando o resgate de sua própria dignidade e a de outros [...]. A educação não-formal é compreendida como um campo, não em oposição à educação formal, mas complementar à crise da Educação escolar. Quando observamos sua trajetória prática, constatamos que ela deriva e transita por várias e diferentes ações e áreas do conhecimento. No aprofundamento desta área, nos deparamos com diversas ciências que colaboram na construção desse conhecimento e que buscam por uma proposta de mudança social. Aqui, podemos citar a Sociologia, a Psicologia e o Direito, dentre outras [...]. Os cuidados na formação do pedagogo e do Educador social dependem desta multidisciplinariedade que amplamente discute as diversas visões sobre o ser humano e o seu posicionamento na sociedade. A educação social há muito tempo deixou de ser exclusiva da marginalização, do conflito social e do risco social para nos amparar também nos diversos ambientes educacionais, como um apoio às possibilidades de relações que podemos desenvolver e propiciar aos educandos [...]. A educação social é um caminho que não devemos desprezar, pois seu conteúdo é riquíssimo para a ação do educador e o desenvolvimento do educando (2011, pp.134,135,136 e 137).

A educação social precisa ser vista como uma ação que possa complementar a educação formal, colaborando para a resolução da crise educacional e com o desenvolvimento da comunidade.

Segundo Freire (1989), o educador poderá desenvolver um trabalho educativo voltado para o questionamento, a tematização, a crítica, o desvelamento da verdade histórica, mas é necessário que ele assuma conscientemente o caráter político de sua prática, que saiba que os problemas educacionais são uma manifestação da vida social. Sua influência abrange tanto na formação individual como social de seus alunos, devendo assim preocupar-se em utilizar esse poder de influência de forma a cada dia provocar e fortalecer os processos de autoconhecimento, visando promover a transformação individual e comunitária de seus alunos.

Verificamos então, que o educador necessita traçar alvos educacionais sociais, desenvolvendo assim uma educação sociocomunitária que atenda a necessidade do educando, não podemos educar sem nos envolvermos e

compreendermos o mundo social do educando, contribuindo assim para a transformação social deste como também da comunidade a qual está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro educacional brasileiro tem passado nos últimos anos por transformações que culminaram em uma sociedade globalizada, o que acarreta muitas mudanças no cenário da educação brasileira, fazendo com que o educador necessite estar qualificado para atender as demandas do cenário nacional. Portanto, pensar nas competências necessárias para o educador neste novo tempo é imprescindível. Pensar no educador como ser concreto nos remete a analisarmos seu contexto, sua realidade e nos leva a pensar em seus desafios.

Neste contexto, o professor é um ator que deve preocupar-se em proporcionar um diálogo problematizador, e envolver o educando em reflexões de sua postura e de suas possibilidades como também de mudanças.

Ao longo dos capítulos foi possível refletir sobre o educador nos escritos de Ellen White, Paulo Freire e Edgard Morin, numa tentativa de sistematizar as ideias referentes à educação destes autores e o que eles pensam sobre o que um educador deve ter como prática de seu fazer pedagógico.

A leitura dos livros destes autores permitiu traçar uma visão panorâmica, se bem que sintética e analítica, de como esses escritores observam o educador e seu papel frente à educação.

Ao falar da educação que redime White, Freire e Morin vêem a educação como o meio para transformar as pessoas, suas vidas e sociedades. Apesar das diferenças vividas de tempo, culturas e crenças, esses escritores romperam com o tempo e se mostraram figuras com muitas semelhanças de pensamentos.

O novo papel do educador no contexto desses autores será muito mais abrangente, sendo necessário ampliar seu raio de atuação e visão de mundo, ensinando o homem sua humanidade, gerando em seus alunos solidariedade e compreensão e preparando-os para servirem a sociedade. É preciso respeitar as diferenças, as diversidades socioculturais, tendo consciência da terra e da realidade que os rodeia, levando em consideração seu papel na sociedade.

O educador deve não somente ter sabedoria ou ensinar aquilo que está nos livros e no currículo, mas deve ensinar a ler o mundo, a compreender a realidade em volta e a entender que estão inseridos na história não somente como espectadores,

mas como aqueles que podem contribuir para com a transformação da sociedade em que estão inseridos.

Para promover a formação contínua, o educador deve ser o perfil do educador do século XXI: professor, pesquisador e reflexivo. Outro fator preponderante para o educador é seu papel frente a educação popular, que é uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Sua principal característica é utilizar o saber da comunidade como matéria prima para seu desenvolvimento.

É aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas geradores do cotidiano, vendo e envolvendo-se em uma educação sociocomunitária. Educação não é neutra. Ou se educa para o silêncio, para a submissão, ou com o intuito de dar a palavra, de não deixar calar as angústias e a necessidade daqueles que estão sob a responsabilidade, mesmo que temporária, de educadores e educadoras nos âmbitos escolares. Sendo assim, métodos e técnicas precisam ser secundarizados na discussão sobre a educação, o que se deve atentar prioritariamente é sobre a vinculação, entre o ato educativo, o ato político e o ato produtivo. Para produzir a transformação social, o professor precisa olhar o contexto a que está inserido, dando especial atenção às situações da realidade da vida e observando as oportunidades que favoreça o crescimento da comunidade ao qual está inserido.

A profissão de educador é uma conquista social, compartilhada, pois implica em troca, influenciando vidas.

O educador necessita ter uma percepção política mais global para poder colocar um novo significado em sua ação, fazendo um trabalho educativo voltado para o questionamento, levando a uma reflexão sobre as realidades vividas pelos educandos e suas formas de alterá-las. Finalmente, o professor, como educador social deve atualizar seus conhecimentos formais e teóricos continuamente e desenvolver novas formas de ensinar. Deve buscar ser mediador de todas as ações planejadas que envolva principalmente a prevenção primária, incorporar em seu trabalho os valores construtivos para o resgate da autoestima, orientar na resistência às pressões sociais e ao risco envolvendo os alunos de tal forma, para que sejam sujeitos de uma nova história. Desta forma decisiva e afirmativa, todos serão a rigor, agentes transformadores de uma nova Sociedade: a do direito inerente, a da

comunicação e informação, a da educação e a da participação social crítica e solidária, sendo responsável pelo desenvolvimento das suas competências, tornando-se um educador que faz a diferença em seu profissionalismo e no contexto social que está inserido. É muito difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida, pois cada ser humano é fruto do processo desencadeado ao longo da vida.

No contexto de sala de aula encontramos a diversidade social, diversidade de ideias e comportamentos. Encontramos neste universo, conceitos que influenciam e direcionam o agir do discente, durante toda sua vida. O professor então deve ser o agente provocador, de discussões e reflexões que poderão mudar o rumo do indivíduo e, por conseguinte da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRINI, Cristina Dias. O desenvolvimento de competências e a participação pessoal na construção de um novo modelo educacional. In: **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação?** Organizado por Philippe Perrenoud; trad. Claudia Schilling e FabianaMurad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ALVES, Rubem. **A Alegria de ensinar**. Campinas-SP. Papirus, 2000.

ALMEIDA, A. R. S. (2002). **O que é afetividade? Reflexões para um conceito**. Disponível em <www.educacaoonline.pro.br>. Acessado em 13/03/2013.

AMADO, J. **Pedagogia e ação disciplinar na aula**. Revista Portuguesa de Educação, 1998.

ARANHA, Lucia. **Pedagogia histórica crítica: o otimismo dialético em educação**. São Paulo: Educ., 1989.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens**. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ANTUNES, C. **Professor Bonzinho=Aluno difícil**. A questão da indisciplina em sala de aula. Ed. Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 2002.

BLAIN, Daniel. Da avaliação às competências: Perspectivas de práticas emergentes. In: **O enigma da competência em educação**. Organizado por Joaquim Dolz e Edmée Ollagnier; trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Algumas ideias e Alguns Princípios em Rascunho para Pensar uma Educação destinada a formar Pessoas com uma Vocação Cidadã**. In: ANAIS. 3º Seminário de Educação Popular: uma Proposta em Construção. Indaial, 2002.

BRONCKART, Jean – Paul; DOLZ, Joaquim. A noção de competência: Qual é sua pertinência para o estudo da aprendizagem das ações de linguagem? In: **O enigma da competência em educação**. Organizado por Joaquim Dolz e Edmée Ollagnier; trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BUENO, Marcelo Cunha. **As Coisas que o Afeto Ensina**. Disponível em: <http://marcelocunhabueno.blogspot.com/2011/07/as-coisas-que-o-afeto-ensina.html>. Acesso em 15/03/2013.

CADWALLADER, E.M. **Filosofia Básica de laeducacion adventista**. Vol. I. Argentina: Libertador San Martin: Centro de Investigacion, White, 1996.

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa, São Paulo, vol.27, nº 1, p. 123-140, jan./jun. 2001.

CARO, Suely Maria Pessagno. **Educação social: Uma questão de relações**. Pedagogia Social. 2ª edição. Expressão e Arte editora, 2011.

- CARVALHO, Antonio V. **Treinamento de Recursos Humanos**. São Paulo: Pioneira, 1988.
- DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- DELORS, J. **Educação um tesouro a Descobrir**. São Paulo/Brasília: Cortez/Ministério da Educação (MEC)/Organização das Nações Unidas (Unesco), 1999.
- DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- _____. **Política social, educação e cidadania**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação Democrática: para uma universidade cidadã**. Florianópolis: Insular, 2002.
- DOUGLASS, H. **Messageira Do Senhor**. O ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos escolares da diversidade. **Educação e Realidade**. n. 2, v.25, jul./dez. de 2000.
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica: disciplina e indisciplina**. Porto: Porto, 1992.
- ENGELMANN, A. **Os Estados Subjetivos: Uma Tentativa de classificação dos Estados Verbais**. São Paulo. Ática. 1978.
- FERRE, N. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 195-214.
- FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- FERRIGNO, José Carlos. **Educação para os velhos, educação pelos velhos e a coeducação entre gerações: processos de educação não formal e informal**. (271 – 287). In: PARK, Margareth Brandini, GROppo, Luís Antonio. (org.). **Educação e Velhice**. Holambra, SP: Editora Setembro, 2009.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Editora Olho D'água, 1997.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo, SP: Cortez & Moraes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Comunicação ou extensão.** São Paulo: Paz e Terra, 1970.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler.** 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **À Sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho D'Água, 1995.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar: um trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FRIGOTTO, G. **Educação e formação Humana: ajustes neoconservador e alternativa democrática: Neoliberalismo, Qualidade Total, e Educação.**

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional.** São Paulo: Objetiva, 1995.

GUATTARRI, Felix. **As três ecologias.** Campinas: Papirus, 2001.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

HARGREAVES, A. **Os professores em tempos de mudanças: O trabalho dos professores na idade pós-moderna.** Lisboa: Mc Graw-Hill, 1994.

HIRATA, Helena. Os mundos do trabalho. In: Casali, A. et all (org.) **Empregabilidade e educação.** Novos caminhos no mundo do trabalho. São Paulo: EDUC/PUCSP; RHODIA, 1997.

JARDIM, Alex Fabiano Correia. **Michel Foucault e a educação: investimento político do corpo.** Unimontes Científica V.8 n.2 - Jul./Dez. de 2006.

KNIGHT, George. **Mitos na Educação Adventista**. Unaspres. Engenheiro Coelho-SP, 2010.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIBÂNEO, J.C.; PIMENTA, S.G. **Formação de profissionais da Educação: visão crítica e perspectiva de mudança**. Revista Educação & Sociedade. Ano XX nº 69, dezembro/99.

LIMA, N.S.T. Estudos sobre Inclusão. **Anais IX Encontro de pesquisa em educação da região Sudeste-ANPEDINHA**. Inst. Promotora/financiadora: UFSCAR, São Carlos, 2009.

LUDKEN & ANDRÉ, Menga/Marli. **Pesquisa em educação**. Abordagem qualitativa - São Paulo: EPU, 1986.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. Tradução Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 10. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

MACEDO, Lino de. Situação-problema: forma e recurso de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem escolar. In **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação?** Organizado por Philippe Perrenoud; trad. Claudia Schilling e Fabiana Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACHADO, Lucilia. **Usos sociais da força de trabalho e da noção de competências**. Mimeo, 2000.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **A pedagogia Social: Reflexões e diálogos necessários**. Pedagogia Social, 2ª edição, 2011. Expressão e arte editora.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar - O que é? Por quê? Como Fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).

MANFREDI, Silvia Maria. Trabalho, qualificação e competência profissional as dimensões conceituais e políticas. In: **Educação e Sociedade**, ano XIX, nº64, setembro/98.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MÜLLER, José Luiz: **Disciplina/Indisciplina no cotidiano escolar**. Ijuí. RS: Unijuí, 2001.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: O que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2000.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo, Cultrix, 1946.

_____ **Fundamentos da Sociometria**. Buenos Aires. Editorial Paidós, 1972.

Moreno J. L. & Moreno ZT (1975). **Psicodrama-Terapia de ação e princípios da prática**. São Paulo: Daimon, 2006.

_____. **Autobiografia**. São Paulo, Saraiva, 1997.

MORENO, M.; SASTRE G.; LEAL, A.; BUSQUETS, M. D. **Falemos de Sentimentos: A afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 2003.

MORIN, E. **A Cabeça bem-feita: repensar e reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Sete saberes Necessários à Educação do futuro**. São Paulo. Cortez/Unesco, 2002.

_____. **Ética, Cultura e Educação**. São Paulo. Cortez editora, 2001.

NÉRECI, I. G. **Introdução à didáctica geral** (Vol.I). S. Paulo: Editora Científica, 1991.

_____. **Didática: Uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1992.

NOVOA, Antonio (coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações. Dom Quixote, 1991.

_____. **Profissão Professor**. Portugal:Porto, 2ª ed, 1995.

OLIVEIRA, M. I. **Indisciplina escolar: representação social de professores que atuam no ensino fundamental na cidade de Cáceres-MT**.2002.Tese (doutorado em psicologia da Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de Filosofia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1988.

PEREIRA, Maria José de Araújo; GONÇALVES, Renata. **Afetividade: Caminho para a Aprendizagem**. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/alcance/article/viewFile/669/625>. Acesso em 19/04/2013.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINO, A. (2005). **As marcas do humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotsky**. São Paulo, SP: Cortez.

RANGHETTI, Diva Spezia. Afetividade. In: FAZENDA, Ivani. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 87-89.

RATNER, Carl. **A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas / trad. Lólio Lourenço de Oliveira**. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RUIZ, Maria José Ferreira. **O papel social do professor: uma contribuição da filosofia da Educação e do pensamento freireano à formação do professor**. Revista Iberoamericana de Educação. Nº. 33, 2003, pp. 55-70.

SANTOS, B.S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: cortez, 2000.

SCHERER, K. What are emotions? And how can they be measured? In: **Social Science Information**, 2005.

STRECK, Danilo. **Correntes pedagógicas**- aproximações com a teologia. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA SANTOS, B. **Pela mão de Alice: O Social e o Político na Pós-modernidade**. São Paulo, Cortez, 1995.

SUAREZ, Adolfo. **Redenção, Liberdade e Serviços: Ellen G. White e o processo de construção humana**. 2. Ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres- Imprensa Universitária Adventista, 2012.

_____. **Educação Adventista: Objetivos, características do educador e dos educandos**. Revista Acta Científica- Ciências Humanas- 1 semestre de 2007.

Tapia, J. Alonso . **La evaluación de la competencia curricular en el contexto de la orientación educativa**. *Revista de Española de Orientación y Psicopedagogía*, 2001.

TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: **Indisciplina da escola: alternativas teóricas e práticas**. 1996.

TIBA, Içami. **Disciplina – Limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

UNGLAUB, Eliel. **A prática da pedagogia adventista em sala de aula: tornando a teoria uma realidade eficaz no ambiente escolar**. Engenheiro Coelho: Paradigma, 2005. 142 p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Os desafios da indisciplina na sala de aula**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>. Acesso em: 15 Mar. 2013.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em Sala de Aula e na Escola**. Cadernos Pedagógicos do Libertad. 12a ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VENTURELLA, Valeria Moura. **Educação e Espiritualidade**. Artigo Publicado na Revista Hífen da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Uruguaiana, Uruguaiana, v.28, n.53, p. 25-28, 2004.

WHITE, Ellen. **Conselhos a Professores, Pais e Estudantes**. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

_____. **Fundamentos da Educação Cristã**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **Orientação da Criança.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

_____. **Conselhos sobre educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.